

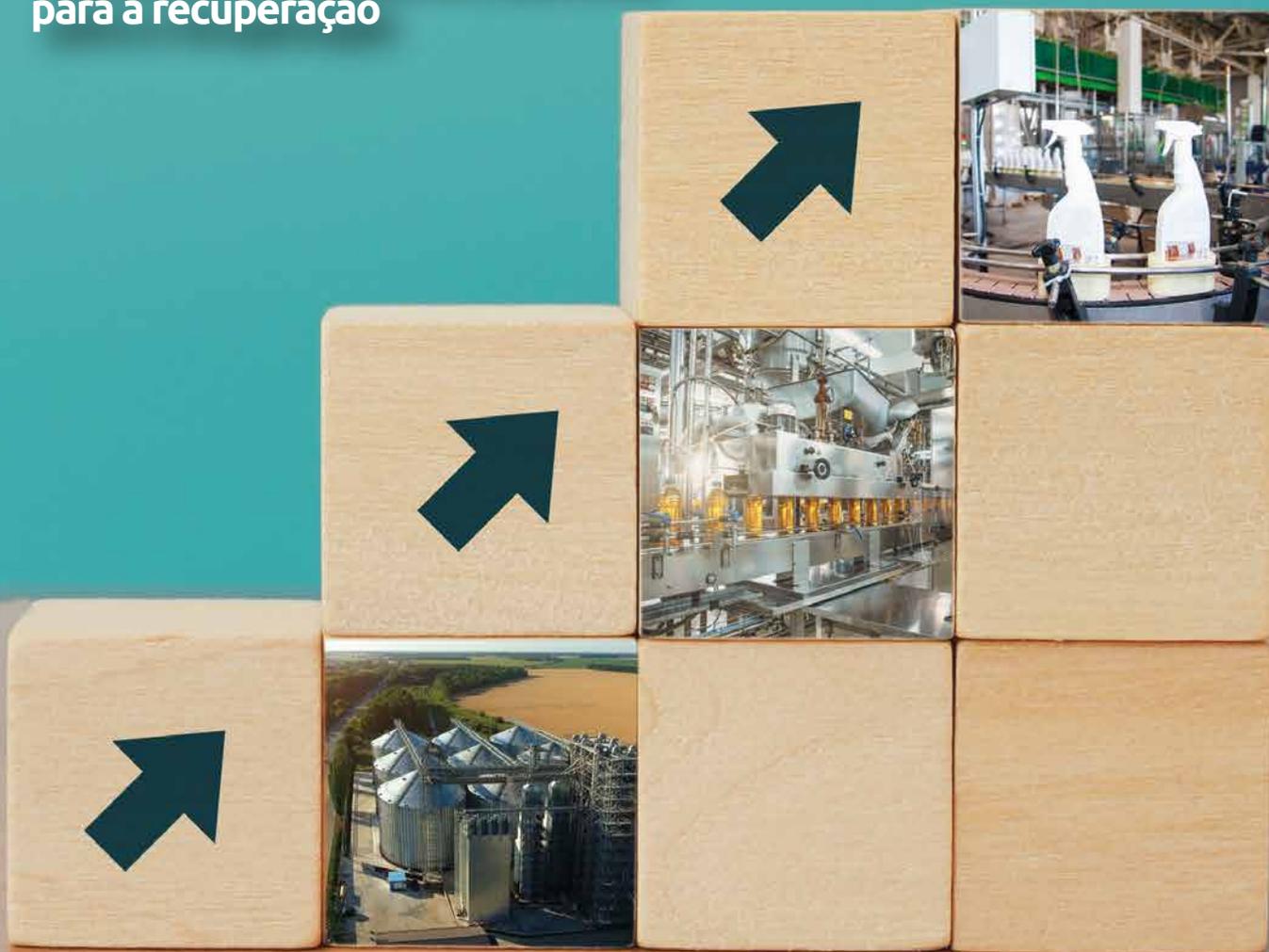
Nova realidade

Ricardo Amorim, economista, fala sobre como a pandemia impactou os negócios das empresas e a população no geral.



Pós-pandemia

O que esperar do impacto na economia e os possíveis caminhos para a recuperação



CENÁRIO

Com a mudança na rotina e nos hábitos de consumo da população, empresas se reinventam

EDUCAÇÃO

Em meio ao isolamento social, novos formatos de ensino ganham destaque e reforçam parcerias

PELA INDÚSTRIA EM TODO O PARANÁ

A Fiep é a instituição do Sistema Fiep que **representa a indústria paranaense** no setor público e privado, **defende seus interesses**, apoia **projetos** e desenvolve **ações** que **beneficiam o segmento**, e prepara os empresários para **expandirem seus negócios** dentro e fora do país. Saiba mais em sistemafiep.com.br/campanha



PELA EDUCAÇÃO, SEGURANÇA E SAÚDE EM TODO O PARANÁ

É com o Sesi que Sistema Fiep forma cidadãos, com a oferta da **educação básica até o ensino médio internacional**, e protege os trabalhadores e a produção industrial com soluções em **segurança e saúde, que aumentam o rendimento das equipes e seus resultados**. Saiba mais em sistemafiep.com.br/campanha



NESTA EDIÇÃO

■ LEITURA RÁPIDA . 05

■ PALAVRA DO PRESIDENTE . 06

■ VIÉS . 07

■ FALOU E DISSE . 07

■ OPINIÃO . 08

Izabela Rücker Curi Bertoncello

■ ENTREVISTA . 11

Ricardo Amorim

■ COMPORTAMENTO . 15

Como as empresas se adaptaram ao teletrabalho no dia a dia

■ CAPA . 20

Impacto da pandemia na economia e caminhos para a recuperação

■ EDUCAÇÃO . 27

Novos formatos ganham destaque nas rotinas de ensino

■ LEGISLAÇÃO . 31

A quebra de paradigmas no pós-pandemia entre empregador e empregado



■ LEGISLAÇÃO . 35

Nova realidade aumenta a possibilidade de violação de dados e crimes na web

■ DINHEIRO . 38

A busca das empresas por recursos para superar a crise

■ CENÁRIO . 42

Indústrias se reinventam para não fechar e manter os empregos



■ DA TERRA DOS PINHEIRAIS . 46

Ampére: cidade desponta como polo industrial no sudoeste do PR

■ GENTE DA INDÚSTRIA . 49

■ GIRO PELOS SINDICATOS . 50





Tendências 2020

O Sistema Fiep lançou o e-book Tendências 2020. A publicação, que tem periodicidade anual, ganhou uma versão voltada ao cenário da pandemia de Covid-19. O objetivo é inspirar os empresários e profissionais do setor industrial para os próximos meses de trabalho. O projeto



aponta 12 grandes tendências para 2020, como: Economia de Baixo Contato, Vigilância em Massa, Flexibilização Permanente, Limpeza e Desinfecção Ubíquas, Economia da Ansiedade, Infodemia, Super APPs, Propósito Coletivo, Experiências Aumentadas, Comida Reinventada, Realidade Sintética e Ciber-Resiliência.

Ensino a distância

Os docentes Kleber Lopes Petry e Emerson Amaral, do curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas do Senai CTM, em Maringá, desenvolveram a cartilha “Ada – distância sim, sozinhos nunca”. O material possui orientação de ferramentas, critérios de gratificação e avaliação, de forma atrativa e desafiadora para os estudantes da instituição. A cartilha rendeu o primeiro lugar no Grand Prix de Inovação Covid-19, desafio nacional do Senai que promoveu a criatividade por meio de soluções educacionais para o período de pandemia. Outros cursos, como Eletrônica, Eletroeletrônica e Automação, também aderiram às sugestões do material.

Boas práticas

Com base nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os Conselheiros Júnios do Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial (CPCE) utilizaram a internet para divulgar boas ações em meio à pandemia. Com postagens simples e diretas, eles deram dicas de como as pessoas podem contribuir para o alcance dos ODS e para um mundo melhor, como cuidados com a quantidade de água desperdiçada em tempos de isolamento social, priorização das políticas de segurança e saúde no trabalho, fomento da inclusão digital, entre outras.

Testes Sesi-Hilab Covid-19

O Sesi no Paraná ofertou testes para o novo coronavírus a sindicatos e indústrias, com valores acessíveis e alto grau de confiabilidade. Produzido pela startup Hi Technologies, em parceria com o Instituto Senai de Inovação em Eletroquímica e profissionais de saúde do Sesi, o teste, denominado Hilab, tem todos os componentes do kit registrados na Anvisa, com leitura da amostra e envio ao laboratório para análise. Além disso, o Sesi ofereceu, também, outras soluções, como protocolos de prevenção, diagnósticos, assessorias, consultorias, cursos e até uma Central de Saúde.

EXPEDIENTE

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE

Carlos Valter Martins Pedro

GERENTE DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Reinaldo Victor Tockus

SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)

José Antonio Fares

A INDÚSTRIA EM REVISTA É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO SISTEMA FIEP

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Edilane Marques

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Elvira Fantin (2152/DRT-PR)

PROJETO GRÁFICO

433 AG - 433.ag

DIAGRAMAÇÃO

Celso Arimatéia

BANCO DE IMAGENS

Adobe Stock

IMPRESSÃO

Hellograff Artes Gráficas Ltda.

TIRAGEM

10 mil exemplares

Comentários, críticas e sugestões, escreva para:

aindustriaemrevista@sistemafiep.org.br



**CARLOS
VALTER
MARTINS
PEDRO**

*Presidente do
Sistema Fiep*

PALAVRA DO PRESIDENTE

Os últimos meses foram de imensos desafios para o setor produtivo brasileiro. Para a indústria paranaense, não foi diferente. As inúmeras restrições causadas pelas medidas de combate à pandemia de Covid-19 derrubaram a demanda, especialmente de produtos não essenciais, paralisando total ou parcialmente as linhas de produção de diversos segmentos.

Enquanto as empresas lutam para sobreviver e manter os empregos que geram – valendo-se de esforços e soluções próprias, além das medidas emergenciais que foram implantadas pelos governos nas áreas trabalhista, tributária e de crédito, entre outras –, vivem também a expectativa de quando e como será a retomada efetiva da economia.

Na reportagem de capa desta edição da Indústria em Revista, trazemos uma análise sobre os impactos desta crise para a economia e o que é necessário fazer para que o Paraná e o Brasil tenham a recuperação mais rápida e eficiente possível. Fica claro que, além de todas as ações paliativas já adotadas, os governos precisam planejar novas medidas para estimular a atividade econômica. Retomar a agenda da competitividade, com reformas estruturantes que permitam custos menores e melhores condições de produção principalmente para a indústria, também é essencial neste momento.

Uma indústria que, durante a pandemia, tem mostrado enorme capacidade para atender às necessidades do país. Nesta edição, mostramos também exemplos de empresas que viram na crise uma oportunidade para mudar de nicho, explorar novos mercados e se reinventar. Casos que reforçam a grande capacidade de nosso setor, que precisa ser valorizado para que possa dar ainda mais contribuições na recuperação pós-crise e no desenvolvimento do país em longo prazo.

Novas tendências trazidas ou reforçadas pela pandemia também são abordadas em matérias desta edição. São os casos do ensino a distância, do teletrabalho e de novas formas de relações trabalhistas. Tendências que vieram para ficar e às quais o Sistema Fiep está atento, pronto para apoiar a indústria paranaense neste novo momento.

Boa leitura!

**↑ SOBE****Exportações paranaenses**

Apesar do cenário desfavorável para a realização da atividade de comércio no mundo em função da pandemia, as exportações do Paraná cresceram 1% no período de janeiro a maio de 2020. Foram de US\$ 6,463 bilhões, no acumulado dos cinco primeiros meses do ano passado, para US\$ 6,519 bilhões em igual intervalo deste ano. O motivo foi o aumento no volume das exportações, principalmente de soja, para a China, e a taxa de câmbio favorável no Brasil.

↓ DESCE**Empregos formais**

O emprego formal no Paraná caiu nos quatro primeiros meses deste ano. Embora o estado tenha registrado saldo positivo em janeiro e fevereiro, os resultados de março e abril comprometeram o quadrimestre, que teve 22 mil postos de trabalho fechados no Paraná de janeiro a abril. Na indústria, no mesmo período, foram fechadas 778 vagas. Nos três primeiros meses houve abertura de 13.143 vagas. Mas em abril, 13.921 postos foram fechados, gerando o saldo negativo no quadrimestre. Mesmo assim, a situação do Paraná é a melhor no sul do país.



“O sentido de união e de solidariedade que uma crise como essa gera nos industriais, nos trabalhadores e na comunidade como um todo é uma grande lição humanitária”.

CARLOS VALTER MARTINS PEDRO

Presidente do Sistema Fiep, sobre as doações de álcool em gel, máscaras e protetores faciais, em torno de R\$ 2 milhões, realizadas pelas instituições do Sistema Fiep para enfrentamento da pandemia no Paraná.



Crédito: Gilson Bampi



Crédito: Imago Andrade CNI

“A aprovação pelo Senado Federal da Medida Provisória n.936 assegura um importante instrumento para o setor produtivo brasileiro atravessar a crise decorrente da pandemia do novo coronavírus em melhores condições de manter a atividade produtiva e de se preservar empregos”.

ROBSON BRAGA DE ANDRADE

Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), avaliando pesquisa que aponta que foram celebrados oito milhões de acordos no setor para redução de jornada e salário e suspensão de contratos.

“Se o controle da pandemia ocorrer de forma adequada nos próximos meses, a economia mundial sofrerá uma queda de 6% este ano. Há previsão de recuperação para 2021, de forma lenta e gradativa. A perda de rendimentos irá superar a de qualquer outra recessão dos últimos 100 anos fora dos períodos de guerra”.

LAURENCE BOONE

Economista-chefe da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), no prefácio das novas perspectivas econômicas mundiais, onde descreve que a recuperação global não vai ocorrer enquanto não se encontrar uma vacina contra o novo coronavírus.



Crédito: Fortis Viés

Impacto da coronacrise nos contratos comerciais. Dá para negociar?

por Izabela Rücker Curi Bertoncello

As paralisações em todo o mundo afetam as relações contratuais B2C e B2B e as organizações buscam driblar a crise com renegociações. Mesmo no atual clima de retomadas parciais, os contratos celebrados antes da atual crise, tais como compra e venda de produtos e insumos, prestação de serviços em geral, locação e outros, foram deixados em uma situação preocupante.

Normalmente, no caso de descumprimento, quem não executa o serviço é responsável e penalizado financeiramente. Entretanto, consta no Código Civil a exceção de que ninguém será responsável pelos eventos que não poderiam ter sido previstos ou que são inevitáveis. E este é o caso da atual pandemia.

Mas é importante não generalizar soluções. A teoria da imprevisão, o fato do príncipe ou a força maior podem ser observados e gerar efeitos nos contratos. Mas há casos em que nem mesmo elas justificarão a isenção do cumprimento de determinadas obrigações. Cada caso é um caso.

“

NÃO FAZ SENTIDO SÓ UMA DAS PARTES ARCAR COM TODO PREJUÍZO, NEM O DEVEDOR E NEM O CREDOR DE OBRIGAÇÕES. ISSO CONFIGURARIA VANTAGEM INDEVIDA, QUE PREMIARIA INDEVIDAMENTE SEJA O LADO MAIS FORTE, OU O FRACO.”

Teorias e regras como essas, já existentes na Constituição Federal, no Código Civil e em recentes medidas provisórias e leis editadas em decorrência da coronacrise, constituem exceções à regra do princípio da força obrigatória dos contratos.

Antes de qualquer judicialização, é importante analisar o caso concreto. Examinar os efeitos da alteração da situação para todos os envolvidos. Buscar a negociação e, em seguida, a mediação como método alternativo de resolução de conflitos.

Não faz sentido só uma das partes arcar com todo prejuízo, nem o devedor e nem o credor de obrigações. Isso configuraria vantagem indevida, que premiaria indevidamente seja o lado mais forte, ou o fraco.

O empresário controla seu fluxo de caixa e sabe, melhor que ninguém, a situação do seu negócio. Por isso, não há necessidade de esperar a crise chegar para começar a agir. Até porque, ainda não se sabe ao certo quando haverá de fato a retomada econômica ao status planejado no período imediatamente anterior à coronacrise.

Se não for possível atender a todas as cláusulas de um contrato por conta da pandemia, é preciso que o devedor da obrigação entre em contato com a outra parte com a máxima antecedência ao vencimento do prazo. É essencial explicar e comprovar os motivos da impossibilidade do cumprimento e, principalmente, demonstrar que tais motivos decorrem direta e exclusivamente da crise. Também é importante ouvir as ponderações da outra parte.



APESAR DE EXISTIR A POSSIBILIDADE DA RENEGOCIAÇÃO (QUE É A MAIS ADEQUADA), EM MUITOS CASOS AS EMPRESAS OU PESSOAS QUE NÃO ENTREGAREM OS PRODUTOS ADQUIRIDOS, NÃO PRESTAREM OS SERVIÇOS OU NÃO REALIZAREM PAGAMENTOS, PODEM SER DEMANDADAS EXTRAJUDICIALMENTE OU ATÉ JUDICIALMENTE. ”

Técnicas avançadas de negociação e de renegociação, aplicadas por profissionais, são apaziguadoras e diretamente conectadas ao princípio da preservação das relações comerciais. Afinal, não é momento para rupturas comerciais quando houver espaço para conciliação, ainda que os objetivos das partes não possam ser totalmente atingidos.

Se o contato entre as partes for verbal, é importante que depois seja formalizado por escrito e que se tenha um comprovante da entrega da comunicação para a outra parte, preferencialmente assinado. Os ajustes devem ser formalizados por contratos e aditivos. Mesmo com o isolamento social, é possível manter a documentação em ordem. Existem inúmeras ferramentas, algumas até mesmo gratuitas, para a celebração de contratos e documentos de forma virtual, plenamente aceitas no direito brasileiro.

Apesar de existir a possibilidade da renegociação (que é a mais adequada), em muitos casos as empresas ou pessoas que não entregarem os produtos adquiridos, não prestarem os serviços ou não realizarem pagamentos, podem ser demandadas extrajudicialmente ou até judicialmente.

Isso não significa que a empresa será condenada. Já há normas legais recentes adiando as providências que gerariam bloqueio de valores em dinheiro, penhoras, leilões e imposição de multas pelo Poder Judiciário. Em vários casos, há norma legal estabelecendo prorrogação de prazos para cumprimento de obrigações.

Mesmo assim, é recomendável que as empresas mantenham em seus arquivos provas do que precisarão demonstrar no futuro sobre o nexos de causalidade entre a pandemia e o cumprimento ou não da obrigação. Isso para todos os lados da relação contratual. Tanto para o credor, que deve manter provas dos motivos pelos quais entende que, mesmo com a coronacrise, o devedor pode cumprir sua obrigação; quanto para o devedor, no sentido inverso.

Em alguns casos, é importante não fechar ou manter fechadas empresas, indústrias e afins, sem o governo ter editado ordem oficial para o fechamento, porque isso é um fundamento muito importante de afastamento de responsabilidade. As regras da Organização Mundial da Saúde (OMS) e organizações internacionais podem ser utilizadas para demonstrar orientações que devem ser obrigatoriamente cumpridas ou preferencialmente cumpridas. São fundamentos para afastamento de responsabilidade da empresa em caso de não cumprimento do contrato.

Estamos vivendo uma situação ímpar no mundo todo, não apenas no Brasil. Quando se fala em Covid-19, ambas as partes estão na mesma situação de esclarecimento. Portanto, os casos devem ser analisados individualmente e a melhor saída é a renegociação amigável, procurando evitar a geração de conflitos que levarão anos a serem solucionados judicialmente. ■



IZABELA RÜCKER CURI BERTONCELLO É SÓCIA-FUNDADORA DO ESCRITÓRIO RÜCKER CURI ADVOCACIA E CONSULTORIA JURÍDICA E DA SMART LAW OFFICE, UMA INCUBADORA DE PROJETOS INOVADORES QUE ENVOLVEM QUESTÕES JURÍDICAS. ATUA NA ÁREA DO DIREITO EMPRESARIAL HÁ MAIS DE 23 ANOS. É ESPECIALISTA EM NEGOCIAÇÃO 3D PELA HARVARD LAW SCHOOL EM BOSTON, ESTADOS UNIDOS, E MESTRE EM DIREITO DAS RELAÇÕES SOCIAIS PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP). TAMBÉM É PALESTRANTE E MEDIADORA AD HOC.

Sistema Fiep promove curso sobre soluções trabalhistas

O novo cenário exige novos conhecimentos para a tomada de decisões, que muitas vezes envolvem a área jurídica. Pensando nisso, o Sistema Fiep oferece aos sindicatos filiados e às indústrias o curso Soluções trabalhistas para enfrentar a crise. Entre os temas da formação, estão as medidas provisórias 927 e 936, a análise de cenários jurídicos e empresariais, grupos de risco e medidas de auxílio financeiro, formas de encerramento de contrato de trabalho, decretos, cenários para retomada, além de pareceres técnicos, modelos de acordo, passo a passo para implementação de ações, entre outros. No total, serão dez horas de capacitação.



Crédito: Gelson Bampi

O conteúdo – totalmente online e disponível na plataforma de EaD das Faculdades da Indústria – é ministrado por Marlos Melek, juiz federal do trabalho e membro da comissão de redação final da Reforma Trabalhista, além da advogada Raissa Bruna Máximo, especializada em direito trabalhista. Para saber como participar, entre em contato com o seu sindicato ou com a Gerência de Relações Sindicais no e-mail ger.sindicais@sistemafiep.org.br.

Rotas Diversidade e Longevidade 2035

O Centro de Inovação Sesi (CIS) em Longevidade e Produtividade lançou as “Rotas Diversidade e Longevidade 2035”, que têm como objetivo auxiliar indústrias e a sociedade de forma geral a implementar ações de inclusão. A publicação é resultado de um trabalho que teve início em 2019, com a realização de dois painéis: um dedicado a discutir a questão da diversidade e inclusão, e outro voltado à discussão da longevidade, ambos com participação de experientes especialistas nos temas.



O estudo é acompanhado, ainda, por um roadmap – mapa estratégico que detalha as ações propostas para ambas as áreas. As proposições estão divididas em micro e macroambientes (para as organizações e para a sociedade como um todo) em curto, médio e longo prazos. Para a construção do roadmap, foram levados em consideração a situação atual, os fatores críticos e as possíveis visões de futuro para cada uma das duas áreas.

Coronavírus: pandemia atinge em cheio a economia

*Em meio ao caos e incertezas,
sociedade vê a chegada de
uma nova realidade*

por Douglas Luz

Com o surgimento dos primeiros casos do coronavírus no Brasil, no mês de março, as pessoas passaram a viver dias de incerteza. O rápido aumento da incidência da doença e o crescente número de mortes geraram apreensão. Os reflexos na economia não demoraram a aparecer no país e no mundo. Queda na produção, redução na receita das empresas e desemprego. Nesta entrevista, o economista Ricardo Amorim fala sobre o impacto nos negócios e na população em geral, projeta o cenário pós-Covid-19 e prevê, como legado da crise, uma sociedade melhor no futuro.

Desde o início de 2020, o país tem sofrido diversas mudanças em diferentes setores. Estamos na metade do ano e qual é a principal diferença que percebemos na sociedade antes e pós-coronavírus?

Nos últimos anos, e nas últimas décadas, ocorreu um enorme crescimento do impacto negativo do ser humano no meio ambiente. Durante a pandemia, aconteceu exatamente o contrário. Rapidamente, regiões começaram a se recuperar da poluição, por exemplo. A camada de ozônio teve uma resposta muito mais rápida do que imaginávamos. E essa pode ser uma das grandes tendências positivas que podem ficar: o cuidado maior com o meio ambiente. Uma tentativa de reduzir a nossa pegada de gás carbônico e de monóxido de carbono, principalmente.



RICARDO AMORIM

Economista formado pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-graduado em Administração e Finanças Internacionais pela École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales (Essec), de Paris. Eleito pela Revista Forbes uma das 100 pessoas mais influentes do país e economista mais influente do Brasil. É, também, um dos apresentadores do programa de televisão Manhattan Connection, da GloboNews, e colunista da revista IstoÉ. É CEO da Ricam Consultoria. Influenciador latino-americano mais seguido no LinkedIn e Top Voice Influencer em 2016, 2018 e 2019. Possui mais de 20 anos de atuação no mercado financeiro mundial, com passagens por São Paulo, Paris e Nova York.

>>



Crédito: Gelson Bampi

Muito se fala que este momento é o “novo normal”. O que mudou, de fato, na sociedade e no modo de produção e comercialização das empresas?

A primeira mudança é a transformação digital. Empresas que antes não tinham no seu DNA, ou não tinham como prioridade, processos de transformação digital, hoje os utilizam nos mais diferentes setores. Exemplos simples são os restaurantes, que não tinham serviço de delivery e passaram a operar nessa modalidade, empresas de varejo que não possuíam e-commerce e agora contam com a plataforma, entre outros.

“

HOUVE UMA MUDANÇA NÃO SOMENTE DO PONTO DE VISTA DE COMO AS EMPRESAS SE ORGANIZAM OU DE COMO OS CONSUMIDORES COMPRAM, MAS NA FORMA COMO OS PRÓPRIOS REGULADORES ESTÃO AGINDO.”

Outro exemplo é na área da saúde, o setor mais em evidência nessa pandemia. A respeito da telemedicina, a regulamentação estava parada há anos. De repente, devido à crise, as diretrizes evoluíram. Houve uma mudança não somente do ponto de vista de como as empresas se organizam ou de como os consumidores compram, mas na forma como os próprios reguladores estão agindo.

Outro foco de mudança importante está ligado ao *supply chain* global. A China adquiriu nas últimas décadas uma posição dominante na cadeia de produção de praticamente todos os setores. A crise deixou muito clara a vulnerabilidade que isso cria, porque quanto mais globalizada é uma cadeia de produção, mais sujeita ela está a eventuais rupturas. Isso leva a uma reorganização na cadeia de suprimento das empresas em todo o mundo e, diga-se de passagem, cria uma oportunidade para a indústria brasileira.

O México deve ser o grande ganhador desse processo de redução de dependência da China. É muito provável que a conexão que ele já tem com os Estados Unidos se fortaleça. Mas outros países podem se aproveitar disso também. O leste europeu deve aproveitar mais a conexão com o mercado da Europa ocidental e o Brasil pode se conectar mais com



ESPERA-SE QUE A INDÚSTRIA
E TODA A ECONOMIA ENCONTREM
ALGUM TIPO DE NORMALIZAÇÃO
DA SUA ATIVIDADE NO SEGUNDO
SEMESTRE. ”

a cadeia produtiva americana. Ao contrário do México, que já está mais adiantado, o Brasil vai ter que fazer uma série de lições de casa para que isso aconteça. Mesmo assim será uma grande oportunidade.

Era previsto um ano melhor para a indústria, com um bom planejamento e até mesmo investimentos. O que pode se esperar para o setor produtivo para o segundo semestre, inclusive visando 2021?

Espera-se que a indústria e toda a economia encontrem algum tipo de normalização da sua atividade no segundo semestre. O que ninguém tem certeza, ainda, é o que significa isso. Certamente não vai ser como antes da pandemia. Inicialmente, vários cuidados novos terão que ser incorporados e mantidos por mais tempo. Sem falar no risco de um possível segundo surto.

Por conta disso, as empresas precisam buscar formas de garantir que a produção possa ocorrer, colocando os seus colaboradores no menor risco de saúde possível. E isso requer, inclusive, ser criativo nas soluções.

Outro aspecto que deve ser levado em conta é como a demanda vai reagir. Enquanto o Brasil e o mundo não forem capazes de controlar a pandemia, dificilmente as pessoas vão se sentir seguras para gastar, pois a preocupação delas tanto com a pandemia quanto com o impacto nos seus empregos deve levá-las a tentar poupar ao máximo, caso estejam desempregadas no futuro. Então, ainda é muito cedo para termos certeza de qual é o tamanho da reação que veremos no segundo semestre, seja na indústria ou em outros setores.

Embora a pandemia tenha afetado todos os setores da economia, de diversas formas, quais foram os que sofreram mais e os que têm conseguido se sobressair mesmo com a crise?

Em geral, os setores que mais sofreram até agora foram o de turismo, alguns serviços que tiveram as suas atividades completamente paralisadas (como as academias, por exemplo) e tudo o que está associado a grandes eventos, e setores associados à venda de produtos de alto valor unitário, particularmente os setores imobiliário e automotivo.

O interessante no caso desses dois últimos, pelo menos com a experiência que se viu até agora da China, onde já houve uma normalização maior das atividades, é que na reabertura as vendas foram muito fortes. Particularmente, a venda de veículos e de artigos de luxo em geral foi muito elevada.

No caso dos imóveis no Brasil, outro fator importante que é a queda da taxa de juros fez com que a renda do aluguel, em comparação com a taxa de juros, tenha ficado mais competitiva. É provável que vejamos uma recuperação até forte desses setores ao longo do segundo semestre e do ano que vem, mas foram os que mais sentiram a crise até esse momento.

Houve alguns que sentiram menos ou que até se beneficiaram. O setor farmacêutico teve um crescimento nas vendas. O de alimentos também teve um pequeno crescimento, principalmente os supermercados, que tiveram bom desempenho no início por conta da antecipação de vendas. O agronegócio brasileiro também segue bem, assim >>



AS EMPRESAS PRECISAM
BUSCAR FORMAS DE GARANTIR
QUE A PRODUÇÃO POSSA
OCORRER, COLOCANDO OS SEUS
COLABORADORES NO MENOR
RISCO DE SAÚDE POSSÍVEL. ”



como o setor de transformação digital - aliás, esse setor de tecnologia foi e deve ser um dos ganhadores a longo prazo desse processo.

O que pode ser feito para que a população abrace a causa da recuperação e apoie as iniciativas de retomada da economia?

Sociedade nenhuma do mundo pode ser forte sem uma economia forte. Por isso que a recuperação é tão importante e só vai se manter sustentada se formos capazes de controlar a pandemia. O que joga a economia para baixo é o medo, tanto da doença quanto da perda do emprego. Se ele não for afastado as pessoas não se sentirão seguras a gastar e, por consequência, movimentar a economia.

Até voltar ao trabalho causa medo, justamente por conta da possibilidade de infecção. Em especial, se vão ter tratamento

adequado, caso sejam infectadas, devido à sobrecarga dos hospitais. Quanto mais a gente for capaz de tomar medidas para controlar a pandemia e estimular a economia, reduzindo o aumento de desemprego, com a flexibilização das medidas trabalhistas e a colocação de renda para praticamente 70 milhões de brasileiros, por meio de um programa de renda para a população que trabalha no mercado informal, mais perto estaremos da recuperação. E ela virá, será mais rápida e mais forte.

A pandemia trouxe uma nova ordem no que diz respeito à saúde e bem-estar. Pensando nisso, como as empresas devem se comportar de agora em diante?

Em meio à essa situação difícil que o Brasil e o mundo têm vivido nos últimos meses, há também aprendizados e oportunidades. Um deles é entender melhor o que é relevante e importante para nós. E, sem dúvida nenhuma, um desses aspectos é a saúde e o bem-estar. As pessoas e os consumidores vão valorizar muito mais isso. Então, produtos e serviços associados a esse tema devem ter um aumento de demanda à medida em que a situação se normalizar e, principalmente, a capacidade de consumo das pessoas for recuperada.

Empresas que ofereçam melhores condições de trabalho provavelmente serão escolhidas pelas pessoas como locais para trabalhar e até mesmo pelos consumidores para a compra de produtos. Eu acredito e espero que um dos legados positivos dessa crise seja uma consciência e preocupação maior com as questões associadas ao bem-estar. E o mesmo vale, também, com o meio ambiente, ainda mais com o aumento do home office e, conseqüentemente, diminuição do transporte e das emissões de poluentes. Tomara que cuidemos melhor de nós mesmos e do planeta. ■

“

EU ACREDITO E ESPERO QUE UM DOS LEGADOS POSITIVOS DESSA CRISE SEJA UMA CONSCIÊNCIA E PREOCUPAÇÃO MAIOR COM AS QUESTÕES ASSOCIADAS AO BEM-ESTAR.”

O teletrabalho veio para ficar

Crise pandêmica do coronavírus acelerou a adoção do trabalho remoto, modelo que traz mudanças significativas para empregadores e empregados

por Roberto Hammerschmidt

A Valmet, indústria de automação empresarial, com sede em Araucária, na região metropolitana de Curitiba (RMC), tem vasta experiência com trabalho remoto. Como multinacional de operação matricial e *hub* para a América do Sul, são múltiplos sites e muitos funcionários em trânsito o tempo todo. Porém, a empresa nunca havia previsto

um número tão grande de pessoas em regime de teletrabalho e por tanto tempo, como no caso da pandemia de coronavírus. “Para nós, é algo inédito nessa escala, de forma a provocar uma revolução cultural interna”, afirma Pedro Paciornik, gerente de Marketing, Qualidade e Estratégia da companhia. >>





“ A PANDEMIA FOI UM EMPURRÃO NA ADOÇÃO DO HOME OFFICE E FEZ COM QUE MUITAS MUDANÇAS FOSSEM IMPLEMENTADAS NO AMBIENTE DE TRABALHO. ”



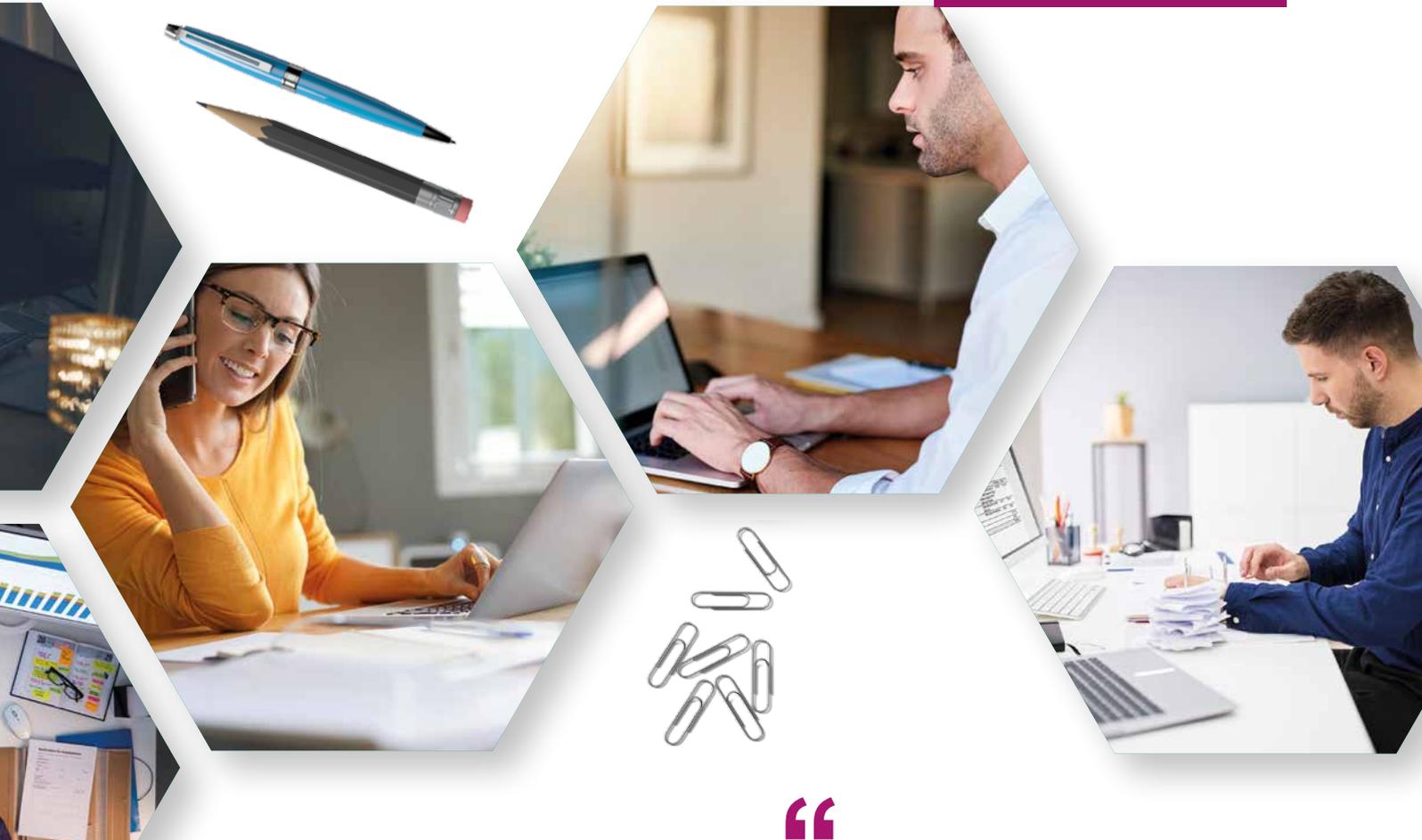
ISABELA ALBUQUERQUE, COORDENADORA DO PUC CARREIRAS

Crédito: Agência Pessoal

O trabalho remoto não é novidade para muitas empresas. A possibilidade de trabalhar em um lugar longe do escritório já era uma tendência no Brasil antes da crise da Covid-19, tendo crescido 22% no período de 2016 e 2018, de acordo com uma pesquisa realizada em 2018 pela Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividade (SOBRATT).

O estudo da SOBRATT também apontou que a teleatividade já era, naquele ano, uma realidade para 45% das empresas. Mas esse número deve crescer ainda mais: uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas estima um aumento de 30% na adoção do teletrabalho após a pandemia.

“Certamente, a pandemia foi um empurrão na adoção do home office e fez com que muitas mudanças fossem implementadas no ambiente de trabalho, promovidas pelo



‘vírus acelerador do futuro’, afirma Isabela M. Cavalcanti de Albuquerque, coordenadora do PUC Carreiras, da PUCPR. Atualmente, o trabalho remoto já é realidade para mais de 15 milhões de trabalhadores brasileiros.

Alterações repentinas

Muitas empresas tiveram que adotar o modelo às pressas, devido à necessidade de proteger seus funcionários em meio à crise do coronavírus. É o caso da Fibracem, que produz acessórios para redes de fibra ótica, com sede em Pinhais, também na região metropolitana de Curitiba. “Foi algo repentino, mas a empresa já contava com um sistema de teletrabalho que auxiliou no processo”, afirma Carina Bitencourt, CEO da companhia. “Já usávamos a estrutura de trabalho remoto para acesso dos gestores em viagens, e em nossos centros de distribuição e filiais, o que facilitou o ajuste rápido da estrutura para atender à maior parte dos funcionários do setor administrativo”, completa.

“

FOI ALGO REPENTINO,
MAS A EMPRESA JÁ
CONTAVA COM UM SISTEMA
DE TELETRABALHO
QUE AUXILIOU
NO PROCESSO.”

CARINA
BITENCOURT, CEO
DA FIBRACEM



Crédito: Divulgação

A Valmet conseguiu iniciar rapidamente um processo de adaptação graças ao modelo de governança de gestão de crise, que permitiu a atuação em múltiplas frentes, >>



O GRUPO DE GESTÃO IDENTIFICOU QUE A EMPRESA AINDA NÃO ESTAVA CULTURALMENTE PREPARADA PARA TRABALHAR DE FORMA ASSÍNCRONA E ALGUNS PASSOS FORAM TOMADOS PARA TRANSFORMAR ESSA REALIDADE. ”



PEDRO PACIORNIK, GERENTE DE MARKETING, QUALIDADE E ESTRATÉGIA DA VALMET

envolvendo os setores de Recursos Humanos, Comunicação, Tecnologia da Informação e Saúde e Segurança. Mas a maior mudança foi no âmbito cultural e corporativo. “O grupo de gestão identificou que a empresa ainda não estava culturalmente preparada para trabalhar de forma assíncrona e alguns passos foram tomados para transformar essa realidade”, afirma Paciornik.

Segundo Isabela, da PUCPR, diversas questões precisaram ser resolvidas pelas companhias, como proporcionar recursos tecnológicos adequados aos trabalhadores e realizar o controle da jornada de trabalho. “O grande paradigma do teletrabalho é fazer a gestão da produtividade e manter o nível de engajamento adequado dos colaboradores, já que a adaptação ao modelo varia de acordo com o perfil do funcionário e a natureza de suas atividades”, completa.

Entre mudanças e resistências

De maneira geral, as respostas à adoção do teletrabalho têm sido, em sua maioria, positivas. “As empresas que ainda não adotavam o regime de teletrabalho foram forçadas a se adaptar, e conseguiram fazer isso com sucesso”, afirma Lilian Schopping, coordenadora de recursos humanos do Sistema Fiep.

Algumas companhias, como startups, já adotavam essa metodologia e tiveram mais facilidade. “Para nós, foi um processo fácil e rápido. Todos os nossos colaboradores já tinham laptops próprios e a Rede Privada Virtual (VPN, na sigla em inglês) configurados previamente”, afirma Marcelo Ramos, gerente regional de atendimento ao cliente, da Infobip, empresa internacional de TI e telecomunicações, que no Brasil tem sede em Curitiba. Porém, empresas mais conservadoras tiveram receio em adotar o modelo de teletrabalho, mas não estão tendo outra opção durante a pandemia.



FOI UM PROCESSO FÁCIL E RÁPIDO. TODOS OS NOSSOS COLABORADORES JÁ TINHAM LAPTOPS PRÓPRIOS E A REDE PRIVADA VIRTUAL (VPN) CONFIGURADOS PREVIAMENTE. ”



MARCELO RAMOS, GERENTE REGIONAL DE ATENDIMENTO AO CLIENTE DA INFOBIP

Para Isabela, essa relutância em adotar o teletrabalho pode custar caro. “As empresas que relutam, a meu ver, são as que não compreendem a dimensão das mudanças que estamos vivendo e não estão agindo e se preparando para uma crise que não sabemos por quanto tempo vai permanecer” alerta.

“As mais conservadoras vão retornar suas equipes para suas respectivas sedes, mas a experiência que tiveram as farão pensar sobre a redução nos custos de manutenção e os ganhos de produtividade verificados durante o período do trabalho remoto”, argumenta Manuel Emilio Rodrigues, gerente executivo de Desenvolvimento, Suprimentos e Engenharia do Sistema Fiep.

Para Rodrigues, essa experiência forçada tem mostrado às empresas que a produtividade não mudou e, em alguns casos, até aumentou. Um estudo da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, corrobora a opinião: a pesquisa descobriu que funcionários chineses de call center que trabalhavam de casa eram 13% mais produtivos, porque faziam menos intervalos e mais ligações por minuto. Eles também eram mais felizes e menos propensos a deixar o emprego.

Além da produtividade

De maneira geral, existe uma série de vantagens no regime

de teletrabalho, que vão desde a otimização do uso de espaços físicos pelas empresas, menos tempo gasto em deslocamento e melhor gestão do tempo entre atividades profissionais e familiares.

“Considerando que o brasileiro perde, em média, 32 dias por ano no trânsito, a adoção do teletrabalho de maneira contínua pode favorecer empresas e trabalhadores e deve ganhar muita força daqui para frente”, acredita Isabela.

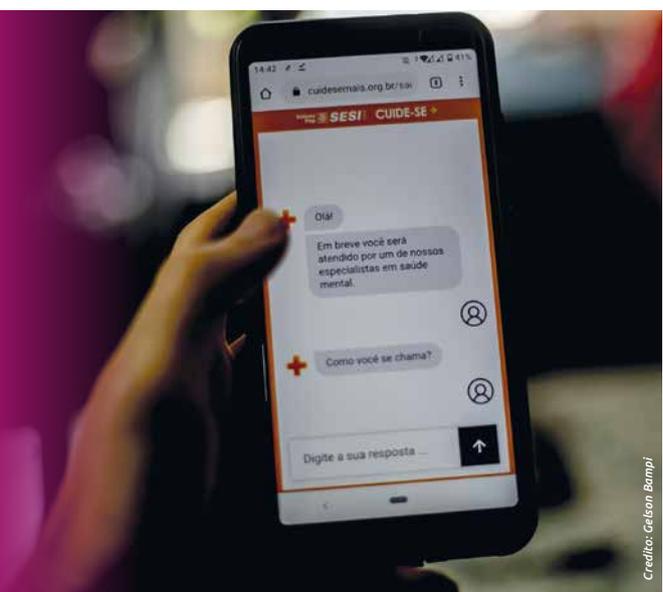
Anderson Ropelatto, comprador internacional na Fibracem, concorda. “O ponto positivo em trabalhar nesse regime é o tempo ganho com a minha família, pois a minha residência fica a aproximadamente uma hora de distância da empresa. Estando em casa não existe o desgaste diário por estar praticamente duas horas no trânsito. São duas horas em que posso estar com a minha família”, afirma.

Mas nem tudo é positivo. O modelo de teletrabalho em meio à crise do coronavírus também afetou negativamente a saúde mental de algumas pessoas. “As principais dificuldades relatadas pelos trabalhadores acolhidos inicialmente estavam relacionadas à adaptação e desafios nas novas configurações dos relacionamentos pessoais e profissionais. Entre os sintomas mais frequentes estão exaustão, irritação, medo, ansiedade e estresse”, afirma a psicóloga Roberta Ribas da Silva Costa, que atua no atendimento psicossocial do Sesi. ■

O Sesi lançou um serviço ofertado exclusivamente aos trabalhadores das indústrias, que fornece um canal de acolhimento gratuito e confidencial disponibilizado por meio de site e WhatsApp.

Após responder a algumas perguntas, o colaborador informa se quer receber apoio e é atendido por psicólogos e assistentes sociais com experiência em escuta ativa.

O atendimento pode ser solicitado pelo site cuidese-mails.org.br/saude-mental/atendimento/ ou pelo número (41) 99605-1082, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h.



Credito: Gelson Bampi

O cenário pós-pandemia

Quais devem ser os impactos sobre a economia e os caminhos para a recuperação

por Rodrigo Lopes

A pandemia de Covid-19 caiu como uma avalanche sobre a economia mundial. As medidas restritivas adotadas na maioria dos países paralisaram muitas atividades e cadeias produtivas, gerando uma retração que não era vista, em intensidade, desde a Segunda Guerra Mundial. É o que mostrou o estudo Perspectivas Econômicas Globais, do Banco Mundial, divulgado em junho.

A instituição previa uma contração de 5,2% do PIB global em 2020. Queda que deve ser ainda mais profunda no Brasil: -8%, de acordo com o relatório – coincidindo com previsões de analistas brasileiros. Como a duração da pandemia ainda é incerta, entender o tamanho do problema e as medidas que precisam ser aplicadas para superá-lo são desafios que o Brasil deve enfrentar. Especialmente para fazer com que a retomada da economia seja a mais rápida e consistente possível, e para que os impactos sobre a indústria possam ser minimizados.

>>





Investimento em obras de infraestrutura é apontado como alavanca para retomada da economia.

Impactos que foram extremamente pesados para o segmento. A produção industrial brasileira caiu 27,2% em abril, na comparação com mesmo mês de 2019. Alguns setores foram especialmente afetados. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) prevê uma queda de 40% nas vendas em 2020. Sondagem realizada pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) apontou que 68% das empresas do setor projetam queda na produção neste ano. Na indústria de máquinas e equipamentos, que serve como termômetro de investimentos de outros segmentos, a tendência se repete. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), que representa o setor, somente em abril a queda no faturamento foi de 27%. O principal motivo foi o cancelamento ou adiamento de pedidos.

Os caminhos da retomada

Nos meses seguintes, diversos setores retomaram pelo menos parte de suas atividades. O gerente-executivo de Economia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Renato da Fonseca, afirma, porém, que ainda paira uma incerteza sobre



TODO O ESFORÇO DEVE SER PARA VOLTAR A UMA AGENDA QUE PASSE CONFIANÇA AOS INVESTIDORES. ”



RENATO DA FONSECA,
GERENTE DE ECONOMIA DA CNI



quando o país voltará à normalidade e começará a recuperar sua economia. “Existe todo um protocolo de procedimentos como uso de máscara, testagem, medida de temperatura e limpeza de equipamentos que precisa ser colocado. Então a gente não pode chamar isso de normalidade”, diz. Ele salienta que, até que seja encontrada uma vacina para o novo coronavírus e haja imunização da maior parte da população, ainda haverá restrições. “Temos um período que provavelmente pega este resto de ano e parte do ano que vem



Crédito: Gedison Bampi

Setor automotivo é um dos que mais sofre com a pandemia: queda nas vendas deve ser de 40% em 2020.

em que as coisas vão seguir mais lentas. Isso vai afetar setores de maneiras diferentes, alguns mais que outros”, explica.

Para que, vencido esse período, a economia e a indústria reajam o mais rapidamente possível, Fonseca defende que o governo intensifique as medidas que evitem desemprego e falência de empresas. “Falências não só geram mais desemprego como desestruturam a cadeia produtiva. E o desemprego reduz renda e consumo, gerando uma crise muito parecida com a que tivemos de 2014 a 2016”, explica. Uma das principais

ações para que isso não aconteça é o acesso ao crédito, área em que os industriais ainda encontravam muita dificuldade nos primeiros meses de pandemia. “Se conseguir blindar e não gerar mais desemprego e falências, vai conseguir voltar mais rápido, mesmo com um consumidor mais cauteloso. É importante que essas medidas de agora tenham eficácia e sucesso”, afirma.

Além disso, o economista da CNI afirma ser essencial que o país retome a agenda de reformas. “Vínhamos em um >>

processo de reformas buscando aumentar a competitividade e reduzir o Custo Brasil. Temos que retomar imediatamente, e a primeira coisa é a Reforma Tributária”, ressalta. “Todo o esforço deve ser para voltar a uma agenda que passe confiança aos investidores domésticos e externos”, acrescenta.

Aposta no investimento

Outro ponto considerado essencial para uma retomada mais rápida é o investimento em obras. “Temos no Congresso várias medidas de regulação do setor elétrico, de gás natural e de saneamento, que são importantes para deslançar investimentos em infraestrutura”, explica Fonseca. “A gente

precisa mais do que nunca atrair de volta o capital estrangeiro e estimular o capital doméstico a investir nessas áreas”, completa.

A opinião é compartilhada pelo economista Claudio Considera, pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE). “A construção civil é responsável por 8,5% do emprego no país. Esse é um ponto importante de alavancagem para a retomada do crescimento”, diz. “Não precisa o governo criar empresas públicas para isso, tem que contratar obras e permitir que as empresas privadas façam. Tem 6 mil obras paradas no país. É uma questão de localizá-las, fazendo um levantamento do que é melhor para que se retome imediatamente o processo econômico”, justifica.

Setores ligados ao agronegócio, como o de alimentos, minimizam a crise no Paraná.



Esse, inclusive, é um pleito que a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) apresentou ao governo. “Nos contratos de repasse ou convênios firmados entre a União e dezenas de municípios existem R\$ 20 bilhões de recursos parados em contas segregadas, correspondentes às obras que foram paralisadas”, explica o presidente da Comissão de Infraestrutura da CBIC, Carlos Eduardo Lima Jorge. “Que se tomem medidas concretas para finalizar essas obras, ou devolvam-se os recursos para novos investimentos”, completa. Ele também aponta investimentos em saneamento como uma boa forma de estimular a economia, porém faz uma ressalva. “Temos insistido para que os governos estruturem mais projetos de médio porte, alcançando mais empresas, ativando economias regionais e gerando mais empregos”, afirma.



GOVERNOS DEVEM ESTRUTURAR
PROJETOS DE MÉDIO PORTE,
ATIVANDO ECONOMIAS
REGIONAIS E GERANDO
EMPREGOS.



CARLOS EDUARDO
LIMA JORGE,
PRESIDENTE DA
COMISSÃO DE
INFRAESTRUTURA
DA CBIC

A dúvida que fica com essa estratégia é sobre a saúde financeira dos governos, que já vinham passando por ajustes fiscais. Para Claudio Considera, é um problema que vai ter que ser enfrentado com ou sem os investimentos.

“Isso aumenta o endividamento do governo, mas o pior problema é não arrecadar nada, porque não vai ter renda sendo gerada na economia. Todos sabemos que (o governo) já vai sair mais endividado, o que não podemos é ter uma economia com 20 milhões de desempregados”, declara.

Renato da Fonseca, da CNI, segue a mesma linha. “O governo sabe que a dívida vai crescer muito, mas para este ano a gente precisa disso. Depois, precisa voltar à busca por equilíbrio fiscal, mas não pode ser uma busca cega, tem que ser pensada em longo prazo. Tem que sinalizar para o mercado que vai fazer isso, que não vai perder o controle, mas também tem que investir e puxar a economia”, ressalta.

O panorama do Paraná

O investimento em obras também faz parte das estratégias que o governo do Paraná traça para acelerar a recuperação econômica. “Queremos focar o investimento público nas atividades que geram maior emprego e renda. Nisso, as obras públicas são bem significativas”, diz o secretário de Estado do Planejamento e Projetos Estruturantes, Valdemar Bernardo Jorge. Mesmo projetando queda de R\$ 3 bilhões na arrecadação de ICMS em 2020, que deverá ser compensada com ajuda do governo federal e um empréstimo que está sendo tomado pelo Estado, o secretário afirma que é possível realizar obras em áreas como urbanização de favelas, melhorias em rodovias e construção de novos presídios, várias delas já em andamento. “Aquilo que puder ser feito em concessão, vamos trabalhar para fazer, só que temos que ver também o apetite do setor privado. Precisamos fazer de maneira atrativa”, explica.

Ainda assim, o impacto da pandemia para o Paraná será grande. Em junho, o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes) trabalhava com a possibilidade de o PIB do Estado cair mais de 6% em 2020. Cenário que só não deve ser pior devido às características da economia paranaense. “Foi uma infelicidade muito grande para o Paraná >>



Crédito: Divulgação

“

QUEREMOS DIRECIONAR INVESTIMENTOS
PARA SETORES QUE POSSAM INOVAR
E AUMENTAR O PIB.”

VALDEMAR BERNARDO JORGE, SECRETÁRIO DO
PLANEJAMENTO E PROJETOS ESTRUTURANTES

esse episódio da crise, porque 2020 seria um ano marcado por retomada econômica”, afirma o diretor de Pesquisa do Iparde, Julio Suzuki Junior. “De todo modo, acreditamos que, em 2021, vamos retomar taxas positivas, até por conta da pujança do agronegócio, que vai ser levado não só pela produção agrícola, mas pela desvalorização cambial que torna as exportações muito competitivas”, acrescenta.

Além do agronegócio, o Estado também pretende encontrar mecanismos para impulsionar a indústria. “Se a gente aumentar a capacidade de produção da indústria, aumentar o mix de produtos, buscar novas tecnologias, será uma grande diferença”, diz o secretário Valdemar Bernardo Jorge. “Queremos direcionar um pouco os investimentos para setores que possam inovar, aumentar sua capacidade produtiva e seu parque fabril, para que a gente possa aumentar o PIB e ter um efeito positivo para todos”, completa.

Valorização do produto nacional

Segundo os analistas, um maior protagonismo da indústria na recuperação pode acontecer também por mudanças que devem ocorrer nas cadeias produtivas globais. “A China se tornou a grande manufatura mundial e o mundo despertou para a questão de que não dá para ficar esperando passivamente a migração da nossa indústria para outros países. É preciso fomentar a indústria local”, afirma Julio Suzuki Junior, do Iparde. Para ele, no entanto, o Brasil precisa fazer sua lição de casa. “O governo federal

tem noção de que os custos no Brasil são muito elevados e há uma disposição de diminuí-los”, justifica.

“

ACREDITAMOS QUE,
EM 2021, VAMOS
RETOMAR TAXAS
POSITIVAS NO PARANÁ.”

JULIO SUZUKI
JUNIOR, DIRETOR
DE PESQUISA DO
IPARDES



Crédito: Divulgação

Para Renato da Fonseca, da CNI, a garantia de competitividade para a indústria é fundamental nessa questão. “A nossa indústria tem a oportunidade de fornecer até para outros países que talvez queiram diversificar, mas tem que ser a um preço competitivo. É uma oportunidade, mas é preciso correr atrás, porque se achar que vai produzir e vai ter sempre demanda aqui dentro, você acaba não tendo sucesso”, conclui. ■

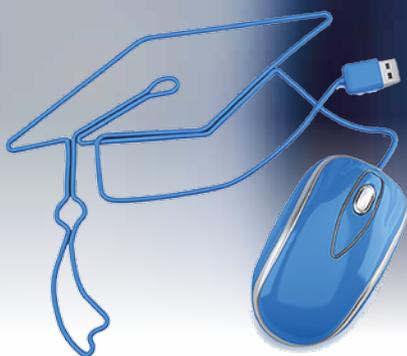


Do presencial ao remoto



Disseminado de forma mais intensa no período de pandemia, o ensino online tem gerado oportunidades e desafios

por Priscila Aguiar



O ensino a distância já vinha se consolidando nos últimos anos: de 2017 para 2018, a Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed) registrou aumento de 17% no número de alunos matriculados nessa modalidade. Mas o que era opção, tornou-se obrigatório com a crise gerada pela Covid-19. Com as medidas de isolamento, todos os estudantes tiveram que se adaptar a aulas online.

Para muitos professores, não foi diferente. Em uma pesquisa realizada entre abril e maio pelo Instituto Península, quase 90% dos docentes afirmaram que nunca haviam tido qualquer experiência com ensino a distância. Além disso, 83% disseram que não estavam preparados para lecionar de forma online.

>>

Kleber Lopes Petry, docente do curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas no Senai de Maringá, faz parte da estatística. Em pouco tempo, precisou adaptar suas aulas para o novo formato. “Na primeira semana, apresentamos um conteúdo que precisou ser repetido, pois os alunos não entenderam. Percebemos que só repassar informações não funciona, precisávamos promover atividades mais curtas e com retornos rápidos”, relata.



NA PRIMEIRA SEMANA, APRESENTAMOS UM CONTEÚDO QUE PRECISOU SER REPETIDO, POIS OS ALUNOS NÃO ENTENDERAM. PERCEBEMOS QUE SÓ REPASSAR INFORMAÇÕES NÃO FUNCIONA, PRECISÁVAMOS PROMOVER ATIVIDADES MAIS CURTAS E COM RETORNOS RÁPIDOS.



KLEBER LOPES PETRY, DOCENTE DO CURSO TÉCNICO EM DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS NO SENAI DE MARINGÁ

Partindo de sua própria dificuldade e da vontade de auxiliar outros professores, ele e o colega Emerson Amaral desenvolveram a cartilha “Ada – distância sim, sozinhos nunca”. O nome é em homenagem à matemática Ada Lovelace, a primeira programadora da história. “Embora apresente ferramentas, o foco da abordagem é o de manter, mesmo remotamente, o convívio social e o formato de trabalho adquiridos em sala de aula”, explica. O material ficou em primeiro lugar, na categoria de docentes, no Grand Prix de Inovação Covid-19, desafio nacional do Senai para promover soluções educacionais para o período de pandemia.

Esse tipo de iniciativa é bem visto pela especialista em

Educação Karine Arasaki. “Tem muito professor transformando o ambiente virtual em um repositório de conteúdos. E para que o aprendizado aconteça, é preciso ter interação e manter a conexão com os estudantes”, comenta.

Segundo ela, é justamente a falta de interação que tem feito com que muitos alunos tenham dificuldade de se adaptar ao novo formato. “As novas gerações não estão sabendo estudar pela internet, pois é uma modalidade que exige proatividade. E muitas instituições não incentivam essa autonomia do aluno. Talvez o momento em que vivemos seja uma oportunidade para mudar isso”, acrescenta.



AS NOVAS GERAÇÕES NÃO ESTÃO SABENDO ESTUDAR PELA INTERNET, POIS É UMA MODALIDADE QUE EXIGE PROATIVIDADE. E MUITAS INSTITUIÇÕES NÃO INCENTIVAM ESSA AUTONOMIA DO ALUNO. TALVEZ O MOMENTO EM QUE VIVEMOS SEJA UMA OPORTUNIDADE PARA MUDAR ISSO.



KARINE ARASAKI, ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO

Ensino online em todos os níveis

No Sistema Fiep, todos os níveis de ensino precisaram se adequar à modalidade. A instituição, no entanto, já tinha experiência na educação a distância. E recentemente, disponibilizou mais de 30 cursos EaD gratuitamente para que os trabalhadores da indústria pudessem se qualificar. “O mercado de trabalho está ganhando novos contornos neste

O Sistema Fiep disponibilizou, recentemente, mais de 30 cursos EaD gratuitamente para os trabalhadores da indústria.

cenário, e a capacitação será ainda mais importante para garantir o futuro dos profissionais”, sinaliza Giovana Punhagui, gerente executiva de Educação do Sistema Fiep.

“
O MERCADO DE TRABALHO
ESTÁ GANHANDO NOVOS
CONTORNOS NESTE CENÁRIO, E A
CAPACITAÇÃO SERÁ AINDA MAIS
IMPORTANTE PARA GARANTIR O
FUTURO DOS PROFISSIONAIS.”



GIOVANA
PUNHAGUI,
GERENTE
EXECUTIVA DE
EDUCAÇÃO DO
SISTEMA FIEP

Crédito: Gelson Bampi

Com as mudanças trazidas pela pandemia, a expectativa é de que o mercado de trabalho fique mais concorrido e demande trabalhadores com alto grau de qualificação. “Por isso, esses cursos são voltados a várias áreas do conhecimento, como indústria 4.0, desenho arquitetônico, finanças pessoais, segurança do trabalho, oratória, entre outros temas”, completa a gerente.

Para quem quer se especializar, a Pós Unique, das Faculdades da Indústria, oferta cursos de pós-graduação com aulas a distância e semipresenciais, com estrutura curricular flexível, que permite ao aluno personalizar a formação de acordo com suas necessidades.

E foi esse diferencial que fez com que Marcelo Cardoso Gonçalves, profissional da área de Tecnologia e Informação, optasse pelo MBA para Liderança em Transformação Digital. “A flexibilidade é uma tendência e uma necessidade de mercado, pois nem sempre estamos disponíveis fisicamente para fazer uma pós-graduação”, relata.

Segundo ele, que buscou na Pós Unique uma forma de se atualizar em relação a novas ferramentas tecnológicas, a modalidade a distância vem permitindo o desenvolvimento de competências. “Criei a habilidade de estudar e entender os conteúdos no modelo a distância, pois esse tipo de ensino exige mais proatividade”, explica. >>



A FLEXIBILIDADE É UMA TENDÊNCIA E UMA NECESSIDADE DE MERCADO, POIS NEM SEMPRE ESTAMOS DISPONÍVEIS FISICAMENTE PARA FAZER UMA PÓS-GRADUAÇÃO. ”



MARCELO CARDOSO GONÇALVES, PROFISSIONAL DA ÁREA DE TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO

Parcerias que geram resultados

A crise gerada pela Covid-19 fez com que muitas empresas repensassem a educação corporativa. E os treinamentos, desta vez em formato online, passaram a ser utilizados não só para a capacitação do corpo funcional, como também para a manutenção dos negócios.

Com fábrica em São José dos Pinhais, a Volkswagen, que já tinha uma cultura de treinar e desenvolver suas equipes, tem oferecido capacitações aos colaboradores em períodos de menor produção, em que adota o regime de *lay off*. Essa alternativa possibilita que as empresas suspendam temporariamente contratos de trabalho, desde que mantenham a qualificação profissional dos funcionários. E para o desenvolvimento desses programas de capacitação, a indústria conta com o apoio do Sistema Fiep, por meio dos cursos do Sesi e do Senai.

Marcelo Carlos de Jesus, da área de Administração de Recursos Humanos da montadora, explica que este ano, em função da pandemia, todos os cursos contratados foram online. E mesmo com vários perfis de colaboradores, as aulas do Sesi e do Senai estão tendo plena adesão. “Temos tido retornos positivos em relação à qualidade, aos temas das aulas e à flexibilidade”, comenta.

Ele acredita que, mesmo após o período de isolamento social, a empresa deve manter muitos treinamentos a distância. “Estamos em um momento em que é fundamental nos mantermos qualificados, pois é o que nos diferenciará. E o ensino online é uma boa alternativa pela conveniência que ele possibilita”, explica. Entre os cursos contratados, estão o de finanças pessoais, comunicação escrita, indústria 4.0, fundamentos de logística, e legislação ambiental aplicada à sustentabilidade.



ESTAMOS EM UM MOMENTO EM QUE É FUNDAMENTAL NOS MANTERMOS QUALIFICADOS, POIS É O QUE NOS DIFERENCIARÁ. E O ENSINO ONLINE É UMA BOA ALTERNATIVA PELA CONVENIÊNCIA QUE ELE POSSIBILITA. ”



MARCELO CARLOS DE JESUS, DA ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS DA VOLKSWAGEN, EM CURITIBA

O Sistema Fiep também apoiou no desenvolvimento de uma plataforma de EaD para o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), disponível desde maio para os cooperativistas. Para o presidente Carlos Valter Martins Pedro, a parceria demonstra maturidade e visão estratégica das entidades no Estado. “Essa integração otimiza resultados, reduz custos e amplia a disponibilidade de serviços. Também demonstra os bons resultados do trabalho colaborativo”, afirma. ■



Para saber mais sobre os cursos em EaD, acesse sistemafiep.org.br/ead.



As relações de trabalho pós-Covid

Pandemia quebra paradigmas nas relações entre empregador e empregado

por Elvira Fantin

Uma das áreas mais impactadas pela pandemia de Covid-19 foi a de relações de trabalho. De uma hora para outra, o isolamento social, imposto pela progressão das contaminações pelo novo coronavírus, trouxe para a realidade de empresas e trabalhadores o teletrabalho, o popular home office. Para evitar o contato físico entre os profissionais, escritórios corporativos foram temporariamente desativados e cada colaborador passou a trabalhar em casa, na maioria das vezes improvisando escritórios domésticos.

>>

A pandemia também flexibilizou os contratos de trabalho. Por meio de medidas provisórias (MPs), o governo federal abriu a possibilidade de empregadores reduzirem os salários de seus funcionários (e as jornadas de trabalho na mesma proporção) ou até suspenderem temporariamente os contratos. A flexibilização foi uma tentativa de manter empregos num momento em que as empresas tiveram queda na produção e na receita, o que dificultou o cumprimento da folha de pagamentos.

E o futuro?

Mas as novas regras vão valer apenas durante a situação de crise? Como ficarão as relações de trabalho depois de passada a pandemia? São perguntas ainda sem respostas. “Sob o ponto de vista legal, o que se sabe é que essas novas regras valem até 31 de dezembro de 2020, prazo de vigência das medidas provisórias”, observa o gerente executivo Jurídico, de Riscos e Compliance do Sistema Fiep, Marco Antonio Guimarães. Porém, ele afirma que o mercado de trabalho mudou. “O teletrabalho vai ser o futuro”, acredita. Para Guimarães, a prática veio para ficar, porque se mostrou benéfica para os dois lados: empregador e empregado.

O advogado José Affonso Dallegre Neto, que é membro da Academia Brasileira de Direito do Trabalho, também acredita que, passado o período de pandemia, o teletrabalho tende a continuar. “Para algumas atividades, o trabalho tende a seguir preponderantemente a distância, mas com algumas reuniões e momentos presenciais”, comenta.



O TELETRABALHO VAI SER O FUTURO. A PRÁTICA SE MOSTROU BENÉFICA PARA OS DOIS LADOS: EMPREGADOR E EMPREGADO.



MARCO GUIMARÃES,
GERENTE EXECUTIVO
JURÍDICO, DE RISCOS
E COMPLIANCE DO
SISTEMA FIEP

Vantagens e desvantagens

Dallegre, que é mestre e doutor em direito do trabalho pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), considera que o teletrabalho tem vantagens e desvantagens. Para o trabalhador, segundo ele, o benefício está em obter mais tempo livre para a família e atividades pessoais, reduzindo a frequência de deslocamentos até o trabalho. “Em certa medida, também ganha em produtividade, já que o trabalho tende a ficar mais focado”, observa. As desvantagens, na opinião do advogado, ficam por conta do menor contato com os colegas de trabalho, além de confundir o lado privado com o profissional, o que pode causar estresse. Ele também >>

alerta para alguns problemas de saúde que podem surgir: “Normalmente, nos escritórios corporativos, o mobiliário costuma ser ergonomicamente adequado para o trabalho, o que nem sempre acontece em casa”, destaca.

Na opinião do advogado, um dos principais proveitos das empresas está na possibilidade de manter escritórios menores, reduzindo custos. Além disso, para Dallegrave, há um impacto positivo no meio ambiente e na qualidade de vida da comunidade: “Menos carros nas ruas significa menos poluição”, pontua.

Teletrabalho sem prazo de validade

Para a advogada trabalhista Danielle Blanchet, do escritório Marins Bertoldi, ao contrário das outras regras de flexibilização dos contratos de trabalho, que vieram com as medidas provisórias, tudo indica que o teletrabalho não tem prazo de validade. “A modalidade já está prevista na CLT desde a Reforma Trabalhista de 2017”, observa.

Danielle acredita que não tem como se voltar atrás em relação ao home office. “As empresas estão se vendo obrigadas a trabalhar de forma remota e percebem que isso funciona. É claro que isso exige maturidade dos colaboradores e a tecnologia é fundamental. Antes havia muito preconceito, mas hoje é cada vez menos relevante onde o trabalho acontece e, sim, o resultado”, ressalta.

De acordo com a advogada, com a viabilidade do teletrabalho, mais que investir em estruturas físicas, as empresas terão que destinar investimentos para a área de tecnologia, essencial



MAIS DO QUE INVESTIR EM ESTRUTURAS FÍSICAS, AS EMPRESAS TERÃO QUE DESTINAR INVESTIMENTOS PARA A ÁREA DE TECNOLOGIA. ”

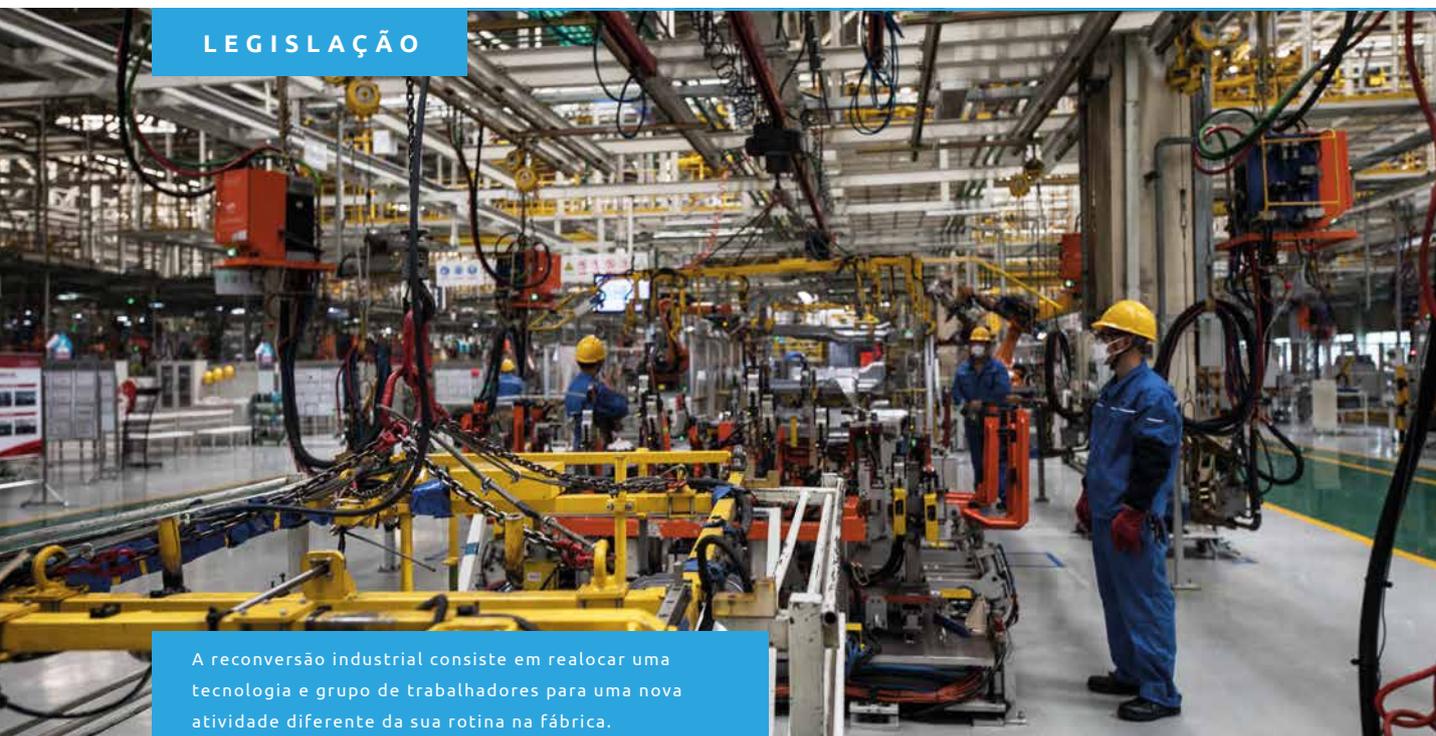


DANIELLE
BLANCHET,
ADVOGADA
TRABALHISTA

no trabalho remoto. “Não precisamos mais de lugares tão grandes para trabalhar, mas precisamos cada vez mais da tecnologia”, pontua.

Danielle também acredita que a nova realidade impõe atualizações na legislação trabalhista. “Foram adotadas novas práticas para as quais ainda não existe um regramento”, declara. Ela comenta que questões como acidentes de trabalho e doenças provocadas pelo exercício profissional, por exemplo, precisarão ser reavaliadas.

“É tudo muito novo e não houve tempo ainda de os tribunais amadurecerem essa discussão. Mas a legislação trabalhista vai ter que se readequar, porque algumas práticas, como o teletrabalho, vieram para ficar”, acredita. >>



A reconversão industrial consiste em realocar uma tecnologia e grupo de trabalhadores para uma nova atividade diferente da sua rotina na fábrica.

Reconversão industrial

Outra questão que veio à tona durante a pandemia e que pode impactar as relações de trabalho é a reconversão industrial. A prática consiste em realocar uma tecnologia e um grupo de trabalhadores para uma nova atividade diferente da sua rotina na fábrica. Um exemplo aconteceu com as montadoras que, temporariamente, deixaram de fabricar carros para produzir ou reparar respiradores. “Existe a possibilidade de, dentro do parque industrial, alterar a atividade, conforme mudam as demandas”, observa o advogado Dallegrave Neto. Mais que isso, de acordo com ele, é possível, também, uma indústria ceder à outra um grupo de trabalhadores para atuar por demanda, sobretudo quando um segmento está desaquecido e outro em alta.

Para o advogado, essa prática é positiva para empregadores e empregados, porque evita o aumento do desemprego e o pagamento de verbas rescisórias. “Sem contar que, em caso de demissão, a indústria poderia ter dificuldades em repor os trabalhadores e ainda teria que investir em treinamentos de novos empregados quando a sua atividade voltasse à normalidade”, observa. “Na reconversão, uma empresa empresta os seus colaboradores a outras por um período determinado”, completa. Segundo Dallegrave, essa deve ser mais uma atualização da legislação trabalhista em decorrência da pandemia. ■



NA RECONVERSÃO INDUSTRIAL, UMA INDÚSTRIA PODE CEDER À OUTRA UM GRUPO DE TRABALHADORES PARA ATUAR POR DEMANDA QUANDO UM SEGMENTO ESTÁ DESAQUECIDO E OUTRO EM ALTA. ESSA DEVE SER MAIS UMA ATUALIZAÇÃO DA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA EM DECORRÊNCIA DA PANDEMIA.”



JOSÉ AFFONSO DALLEGRAVE NETO, ADVOGADO, MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO DO TRABALHO

O risco da comunicação virtual

O isolamento social, imposto pela pandemia, fez multiplicar o uso da internet como ferramenta de comunicação. A nova realidade aumenta a possibilidade de violação de dados e crimes cibernéticos, evidenciando a urgência da Lei Geral de Proteção de Dados

por Elvira Fantin

Nunca se usou tanto a internet para a comunicação interpessoal como nos meses em que a Covid-19 se alastrou pelo mundo. Em tempos de pandemia e de isolamento social, o que resta para promover a aproximação e o diálogo são as redes sociais. Encurtando a distância entre familiares e amigos e viabilizando a execução de tarefas profissionais, a internet tem se mostrado cada vez mais eficiente.

>>

Pelo lado pessoal, torna o distanciamento menos penoso e, pelo profissional, possibilita que empresas continuem operando, mesmo com o esvaziamento dos escritórios corporativos.

Mas ao mesmo tempo em que apresenta tantas facilidades, a comunicação no ambiente virtual oferece um grande risco. Nesse período, já se registrou um aumento significativo no número de tentativas de golpes cibernéticos. São muitos casos de campanhas falsas para se obter dados bancários e informações pessoais por meio de contatos seja por email, links de mensagens, aplicativos, ligações telefônicas e outros canais.

E com o teletrabalho, que se tornou rotina, dados estratégicos e, muitas vezes sigilosos, de empresas passaram a ser acessados por meio de conexões particulares desprotegidas. “Isso só tende a aumentar. Visto como necessário nesse período de isolamento, a comunicação em ambiente virtual será cada vez maior. O home office vai crescer e, em consequência, crescerá o número de web conferências. Sem contar em compras virtuais e lives, que viraram moda”, observa a advogada Camila Bottaro Sales Coelho, mestre em direito privado e especialista em direito civil e professora do Centro Universitário Internacional (Uninter).

“Essa grande utilização da internet nos deixa mais vulneráveis, expõe nossos dados, nossa imagem e nossa privacidade”, alerta. Segundo ela, na medida em que aumentou muito o número de trabalhadores usando o home office, cresceu também a ação dos hackers. “Mais do que nunca as empresas precisam se proteger, porque a troca de informações está acontecendo de forma cada vez mais rápida e por meio de conexões nem sempre seguras”, observa. A advogada diz que nesse sentido a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), prevista para entrar em vigor a partir de agosto, será de grande importância.

“Embora esteja em vias de entrar em vigor, poucas empresas de fato se estruturaram para o cumprimento da lei”, diz. De acordo com Camila, a LGPD como foi estruturada é muito adequada para o que se propõe na medida em que trata o titular dos dados como vulnerável e prevê o resguardo de



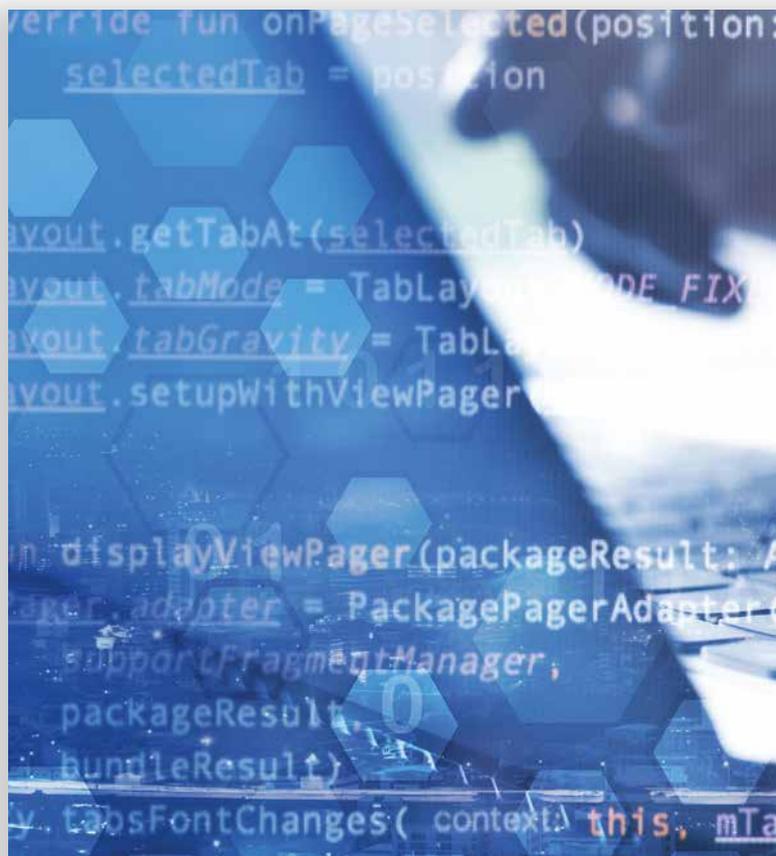
ESSA GRANDE UTILIZAÇÃO DA INTERNET NOS DEIXA MAIS VULNERÁVEIS, EXPÕE NOSSOS DADOS, NOSSA IMAGEM E NOSSA PRIVACIDADE.”



CAMILA BOTTARO SALES COELHO, ADVOGADA E PROFESSORA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL (UNINTER)

informações de caráter sigiloso. “O problema que vejo é com a efetividade da lei, especialmente em relação à fiscalização”, salienta.

A preocupação da professora se justifica. Até o momento, a Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), criada >>



para fiscalizar o cumprimento da Lei Geral de Proteção de Dados, ainda não foi estruturada. A ANPD é um órgão da administração pública direta federal, vinculada à presidência da República.

“Trabalhar em casa deixou de ser uma opção e passou a ser uma necessidade e, com isso, algumas medidas que podiam ser deixadas para depois passaram a ser implementadas de uma semana para outra”, destaca o advogado Danilo Doneda, doutor em direito civil e indicado pela Câmara dos Deputados para o Conselho Nacional de Proteção de Dados e Privacidade.

Ele observa, no entanto, que a proteção de dados não é propriamente um limitador. “A lei vem para trazer mais segurança. As empresas estarão mais seguras tendo permissão para a utilização de dados”, contextualiza. Ele comenta que, até mesmo para o controle da pandemia, a LGPD pode ser muito útil. “O uso e o tratamento dos dados podem contribuir muito no planejamento e mapeamento do isolamento social, por exemplo”, ressalta. Para Doneda, se a LGPD já estivesse em vigor ela contribuiria muito neste momento, podendo ser usada para questões humanitárias e como banco de dados para políticas públicas. ■

“

O USO E O TRATAMENTO DOS DADOS PODEM CONTRIBUIR MUITO NO PLANEJAMENTO E MAPEAMENTO DO ISOLAMENTO SOCIAL PARA O CONTROLE DA PANDEMIA. ”



DANILO DONEDA,
ADVOGADO E
MEMBRO DO
CONSELHO
NACIONAL DE
PROTEÇÃO
DE DADOS E
PRIVACIDADE

Na medida em que aumentou muito o número de trabalhadores usando o home office, cresceu também a ação dos hackers.



A hora do crédito para a indústria do Paraná

O que mudou na relação das indústrias com as instituições financeiras após a pandemia e como as empresas podem ser mais assertivas na busca por recursos para superar a crise

por Patrícia Gomes

Desde que abriu as portas de sua pequena empresa fornecedora de equipamentos para indústrias e para o setor de mineração, há 15 anos, Daniel Rodrigo Baggio nunca havia precisado recorrer ao sistema financeiro para conseguir crédito emergencial. Mas a pandemia do novo coronavírus afetou seu estabelecimento na região de Curitiba. Para manter a TDA Equipamentos em operação ele recorreu a uma linha de crédito para capital de giro. “Os clientes seguraram as encomendas e eu precisava manter minha estrutura até que o mercado retomassem a normalidade”, informa.

Mesmo com a dificuldade, ele não dispensou nenhum dos oito colaboradores e pensa em contratar mais três ou quatro até o fim do ano, se o mercado reagir. “Em maio e junho já garantimos recursos para manter a folha de pagamento e esse crédito vai nos dar um alívio nas outras despesas até as próximas entregas”, conta.



EM MAIO E JUNHO JÁ
GARANTIMOS RECURSOS PARA
MANTER A FOLHA DE PAGAMENTO
E ESSE CRÉDITO VAI NOS DAR UM
ALÍVIO NAS OUTRAS DESPESAS
ATÉ AS PRÓXIMAS ENTREGAS. ”



DANIEL RODRIGO
BAGGIO,
PROPRIETÁRIO
DA TDA
EQUIPAMENTOS,
DE CURITIBA

O caso de Baggio é um entre os mais de 32 mil pedidos recebidos pela Fomento Paraná para socorrer micro e pequenas empresas paranaenses desde 27 de março, quando foi lançado o programa de recuperação de crédito pelo governo do Estado. “Em 42 dias, avaliamos a mesma quantidade de processos registrados em todo o ano de 2019”, conta o diretor de mercado da agência, Renato Maçaneiro. Desses, 10 mil foram avaliados, sendo que 5.500 conseguiram obter o crédito e 4.500 foram negados.

Com o aumento exponencial da demanda por crédito para capital de giro (seis vezes maior que o normal de março para cá), os prazos também mudaram. Para uma liberação de microcrédito de até R\$ 20 mil, que levava três dias, o prazo

pode chegar a 30 dias. Entre R\$ 20 mil e R\$ 200 mil, 60 dias. “A burocracia não aumentou, mas não há estrutura que suporte um aumento tão rápido da demanda como o que estamos tendo neste momento”, justifica o diretor.

Quem conseguiu a liberação do crédito em menos de 30 dias comemora. É o caso do fabricante de móveis planejados residenciais Álvaro Foganholti, da Paraná Móveis, de Lunardelli, norte do Paraná. Com a clientela na região onde o agronegócio está forte, as encomendas não pararam. “Tenho contratos fechados. Os recursos vão garantir a contratação de dois novos funcionários e a compra de material em maior quantidade. Comprando mais, o preço cai e ofereço esse ganho como contrapartida ao meu cliente”, diz ele, que estima um aumento de 20% nas vendas até o fim de 2020.



OS RECURSOS VÃO GARANTIR
A CONTRATAÇÃO DE DOIS
NOVOS FUNCIONÁRIOS E A
COMPRA DE MATERIAL EM MAIOR
QUANTIDADE. ”



ÁLVARO
FOGANHOLLI,
DA PARANÁ
MÓVEIS, DE
LUNARDELLI

O diretor da Fomento Paraná explica que quanto mais organizada a empresa em sua gestão contábil e financeira, mais rápido segue o processo. “Às vezes o empresário está tão dedicado à rotina que acaba relegando sua documentação contábil a um segundo plano. Nas consultas descobrimos falhas e aí é necessário aguardar regularizar a situação para retomar a análise do processo”, justifica.

>>



EM 42 DIAS, AVALIAMOS A MESMA QUANTIDADE DE PROCESSOS REGISTRADOS EM TODO O ANO DE 2019.



RENATO
MAÇANEIRO,
DIRETOR DE
MERCADO
DA FOMENTO
PARANÁ

Crédito: Divulgação

Organização e pesquisa não faltaram ao industrial Moisés de Albuquerque Rosa, proprietário da Roma Pães, de Ibiporã, norte do Estado. No seu caso, os planos para buscar crédito vieram antes da pandemia, para a aquisição de novos equipamentos que trariam um ganho de produtividade para prospectar clientes em novos mercados, principalmente em Curitiba e na capital paulista.

Assim que liberado, o recurso em torno de R\$ 500 mil vai garantir a produção em larga escala de água gelada para trabalhar com as massas, uma nova máquina para embalar pães e uma outra para fazer o fechamento dos pacotes. O prazo para quitar o financiamento é de cinco anos, mas ele está otimista com o retorno imediato do investimento. “Já tivemos aumento de 30% nas vendas. Com este novo maquinário, teremos ganho de produtividade e a expectativa é crescer de 10% a 20% ao ano”, afirma.

Mesmo com quase 83% dos 32 mil pedidos de crédito na Fomento Paraná não sendo concedidos, Renato Maçaneiro acredita que o momento é positivo. “Fomos a agência com o melhor desempenho do Brasil na concessão do microcrédito até R\$ 20 mil, segundo o Banco Central, nestes dois últimos meses”, salienta.



Na TDA Equipamentos, capital de giro garante manutenção de estrutura e empregos.

Mudança de foco

Antes da pandemia, a Fomento Paraná atuava com 27 linhas de crédito disponíveis. Agora são quatro. “Uma de até R\$ 6 mil, para o Microempreendedor Individual (MEI), uma até R\$ 20 mil e outras duas até R\$ 200 mil. Todas direcionadas ao micro e pequeno empreendedor, que é o DNA da Fomento”, detalha Maçaneiro.

Segundo a agência, 78% dos pedidos são de microcrédito de até R\$ 20 mil. O restante, 22%, ficam entre R\$ 100 mil e R\$ 200 mil. Dos 32 mil pedidos, 15% a 20% foram solicitações de indústrias, principalmente do setor têxtil e do vestuário, metalmeccânico, porcelanas, louças e metais sanitários e segmentos de manufaturas, como madeira, móveis, borracha e calçados.

Um novo direcionamento de marca, mais focado em qualidade, foi o que levou a pequena indústria de moda íntima plus size Luvest, de Medianeira, oeste do Paraná, a procurar crédito no início do ano. Os planos eram ter capital de giro para aumentar a produção da nova coleção de outono, que chegaria às lojas em março. Mas o recurso esbarrou na burocracia e no aumento da demanda por crédito no mercado durante a pandemia. A alternativa foi apostar no que está em alta na estação. “Retomamos a produção de pijamas que não trabalhávamos há três anos até que venham os recursos para a coleção de verão, já dentro do novo foco da marca que atende grandes redes de lojas no sul do país e Mato Grosso”, conta a gerente geral da indústria, Lenice Ferri Flores Bernardo.



RETOMAMOS A PRODUÇÃO DE PIJAMAS QUE NÃO TRABALHÁVAMOS HÁ TRÊS ANOS ATÉ QUE VENHAM OS RECURSOS PARA A COLEÇÃO DE VERÃO, JÁ DENTRO DO NOVO FOCO DA MARCA.



LENICE FERRI
FLORES
BERNARDO, DA
LUVEST

Outras opções

No sistema bancário também houve flexibilização para as empresas em algumas políticas de crédito após a crise. Em nota, a Caixa informou que reduziu a taxa de juros nas linhas de capital de giro e a taxa de juros (a partir de 2,90% a.m) do parcelamento de fatura dos cartões de crédito por 90 dias desde abril. Também houve interrupção de até 90 dias no cobrança das parcelas de contratos de crédito. O banco ainda disponibiliza uma linha para aquisição de máquinas e equipamentos com seis meses de carência, taxas reduzidas e até 60 meses para pagamento.

Outra novidade é que a Caixa e o Sebrae assinaram um convênio para facilitar o acesso ao crédito das micro e pequenas empresas. A expectativa é injetar R\$ 7,5 bilhões em linhas de crédito facilitado para o setor. Além disso, o banco criou uma linha focada em crédito emergencial para pagamento de folha. O financiamento pode ser pago em 36 meses, com carência de 6 meses e 30 parcelas e taxa de juros de 3,75% ao ano, com o depósito dos recursos diretamente

nas contas dos empregados. Após a contratação, a empresa não pode demitir os empregados com salários financiados por pelo menos dois meses.

Empresas interessadas nas linhas de crédito podem acessar o portal caixa.gov.br/caixacomsuaempresa. A Caixa não informou os prazos, mas garante que um gerente da região mais próxima entra em contato para prestar as informações e solicitar a documentação. ■

Dicas antes de recorrer ao crédito

O especialista em crédito do Sistema Fiep, João Baptista Guimarães, destaca algumas dicas de como as empresas devem se preparar antes de buscar recursos no sistema financeiro:

- Avalie a necessidade real para não correr risco de inviabilizar o negócio por endividamento.
- Organize as finanças, fazendo uma boa gestão dos recursos, controlando fluxo de caixa, avaliando o resultado anual e mensal da atividade.
- Recorra ao autofinanciamento. Busque recursos dentro da própria empresa ao otimizar custos operacionais, reduzir desperdícios, melhorar a gestão de estoques, negociar preços e prazos de pagamento com fornecedores e clientes.
- Monte um plano de financiamento. Ele deve conter o valor total do financiamento, seu detalhamento e a que se destinam os recursos. Priorize créditos de longo prazo, que geralmente têm condições melhores e são mais baratos.
- Pesquise o mercado e busque instituições financeiras que ofereçam melhores condições e taxas mais atrativas à sua necessidade de crédito.
- Fique atento a prazos e documentos. Estar com todas as certidões exigidas em dia e com a documentação contábil atualizada agiliza o processo de avaliação do financiamento.

Mais informações podem ser obtidas no site iepr.org.br/credito ou pelo email nacpr@sistemafiep.org.br.



E agora, o que produzir?

A pandemia mudou a rotina e os hábitos de consumo da população, abalando as estruturas do setor produtivo

por Elvira Fantin

Crise é sinônimo de oportunidade. A frase, embora bastante batida, traduz bem o que aconteceu no cenário econômico nesses tempos de pandemia. A rápida disseminação do coronavírus determinou o fechamento de escolas, restaurantes, shopping centers, espaços de lazer e academias. Suspendeu eventos esportivos e culturais e obrigou as pessoas a ficarem em casa. Tudo isso provocou mudanças drásticas nos hábitos de consumo, reduzindo a demanda por determinados produtos e aumentando a procura por outros. Nesta nova realidade, indústrias tiveram que se reinventar para não fechar as portas e manter os empregos.

Foi o que aconteceu com a Crivalli Indústria Sulamericana de Produtos de Limpeza, com sede em Maringá, no noroeste do Paraná. Tradicional fabricante de produtos de

limpeza, focou quase que exclusivamente na produção de itens essenciais, como desinfetante e álcool em gel nos meses de março e abril, quando a pandemia começou a se disseminar no Brasil. O álcool em gel já era fabricado por uma outra empresa do grupo, a H2O Cosméticos, mas em pequeno volume e apenas em embalagens de 440 e 90 gramas.

"Com a pandemia, a demanda por álcool aumentou bastante e passamos a envasar o produto também em embalagens de 130 gramas e 5 litros", conta Sandra Cantagalli, diretora industrial. Mais que ampliar a produção do álcool, a Crivalli implantou um serviço temporário de tele vendas, só para atender esta demanda específica. "Isto foi o que deu fôlego para vencer estes primeiros meses da crise", afirma a empresária.



A Crivalli ampliou a produção de álcool em gel.



A Krindges, especializada em confecção de moda masculina, passou a fabricar aventais hospitalares.

Ação solidária e um novo negócio

Para a indústria de bebidas Refriko, com sede em Cambé, no norte do Paraná, a crise também abriu um novo horizonte. Tudo começou por meio de uma ação solidária. Uma iniciativa coordenada pelo Sindicato da Indústria de Álcool do Paraná (Sialpar), filiado à Fiep, envolveu várias destilarias que doaram, ao governo do Estado, 90 mil litros de etanol hidratado. O produto foi transformado em 115 mil litros de álcool 70% para a assepsia de hospitais.

“Foi a Refriko que assumiu a padronização e o envase do produto”, conta Marcio Mendes, diretor da indústria. Segundo ele, depois disso a procura foi tanta que a planta da Refriko, do Mato Grosso do Sul, passou a produzir e comercializar o álcool 70%.

Máscaras e aventais

Outros produtos que tiveram uma explosão de demanda por conta da pandemia foram os Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs) usados por profissionais de saúde, principalmente máscaras e aventais. Esses produtos não costumam ser produzidos no Brasil. São importados da China e, com a pandemia, desapareceram do mercado. A produção de EPIs foi a salvação das indústrias de confecção do Paraná, que conseguiram permanecer ativas, mantendo os empregos.

Para apoiar o setor, a Fiep comprou 24 toneladas de tecido para a confecção de 8 milhões de máscaras cirúrgicas e repassou a 150 indústrias, que empregam 10 mil trabalhadores em São José dos Pinhais, Apucarana, Londrina, Maringá, Cianorte, Francisco Beltrão, Cascavel e Curitiba. Além disso, o Grupo Krindges, fabricante de moda masculina em Ampére, no sudoeste do Paraná, passou a produzir 150 aventais

descartáveis por dia a partir de abril. Foi o que garantiu o emprego dos 750 funcionários diretos e de outros 2 mil de 35 oficinas de costuras da região, parceiras da indústria.

Na contramão da crise

Um setor que anda na contramão da crise é o farmacêutico. “As pessoas neste momento precisam de leitos hospitalares, profissionais de saúde e medicamentos”, diz Eder Fernando Maffissoni, diretor-presidente da Prati-Donaduzzi, indústria de medicamentos genéricos, com sede em Toledo, no oeste do Paraná. Ele conta que a demanda por medicamentos cresceu muito, em especial a dipirona, o ibuprofeno e a azitromicina, que são usados no tratamento dos sintomas da Covid-19. >>

“AS PESSOAS NESTE MOMENTO PRECISAM DE LEITOS HOSPITALARES, PROFISSIONAIS DE SAÚDE E MEDICAMENTOS.”

EDER MAFFISSONI, DIRETOR-PRESIDENTE DA PRATI-DONADUZZI





Crédito: Prati-Donaduzzi

Pandemia gerou aumento de 30% na receita da fabricante de medicamentos genéricos, Prati-Donaduzzi.

Além disso, houve grande procura também por vitaminas, como preventivos, e por medicamentos da Farmácia Popular, com a liberação da retirada em maior quantidade pela população para uso por 60 ou 90 dias e não mais 30 dias, por conta das medidas de isolamento.

O executivo diz que mesmo com as vendas em alta, a rentabilidade está sendo prejudicada porque as matérias-primas dos medicamentos são importadas e, com a alta do dólar, o preço disparou. "Houve uma explosão nos custos e, embora a receita tenha crescido 30%, o resultado líquido está indo embora", lamenta. Apesar disso, a empresa mantém as previsões de investimento para este ano. "Estamos em fase final da construção do centro de distribuição e vamos iniciar a construção de uma nova unidade fabril", conta.

Impacto positivo no agronegócio

No agronegócio, a crise tem provocado um impacto positivo em alguns aspectos. "Com a alta do câmbio, a venda de grãos (soja, milho e trigo) tem trazido rentabilidade ao produtor", conta Mario Dykstra, superintendente da Frísia Cooperativa Agroindustrial, com sede em Carambeí, na região dos Campos Gerais, no Paraná, que produz grãos, leite e carne suína. "Por outro lado, o preço dos farelos de soja e de milho, usados

na alimentação do gado de leite e dos suínos, aumentaram, encarecendo o custo de produção", pontua.

No segmento de carne suína, desde abril, a marca Alegria, que tem a Frísia como uma das proprietárias, está ampliando as exportações.

“
INVESTIMOS NA EXPORTAÇÃO
DE CARNE SUÍNA PARA
COMPENSAR A QUEDA
NAS VENDAS NO
MERCADO INTERNO.”



Crédito: Divulgação

MARIO DYKSTRA,
SUPERINTENDENTE
DA FRÍSIA
COOPERATIVA
AGROINDUSTRIAL

A C.Vale Cooperativa Agroindustrial, com sede em Palotina, no oeste do Paraná, também percebeu mudanças na comercialização de carnes. “As vendas de produtos destinados a restaurantes e bares caíram, enquanto os cortes destinados ao consumo doméstico aumentaram”, conta o presidente Alfredo Lang. Segundo ele, com isso houve um redirecionamento de parte da produção. Lang diz que a cooperativa também investiu no mercado externo, por conta da alta do dólar, que favorece as exportações.

O presidente informa, ainda, que a cooperativa está trabalhando no desenvolvimento de novos produtos voltados ao varejo, prevendo lançamentos em breve, para atender aos consumidores que passaram a preparar mais as refeições em casa. ■

“

AS VENDAS DE CARNES PARA RESTAURANTES E BARES CAÍRAM, ENQUANTO OS CORTES DESTINADOS AO CONSUMO DOMÉSTICO AUMENTARAM.”

”

ALFREDO LANG,
PRESIDENTE DA
C.VALE



Crédito: Divulgação

Novos produtos para combater o coronavírus

Em tempos de pandemia, foi grande também a procura por novos produtos voltados ao combate do coronavírus. Para fomentar a produção, o edital Saúde Tech Paraná, iniciativa do Senai, do governo do Estado e da Fundação Araucária, destinou recursos para financiar projetos de desenvolvimento com esta finalidade. No total, dez projetos foram selecionados. Um deles é uma unidade portátil para desinfecção de ambientes. A unidade, que ganhou o nome de Cleanup, emite gotículas de vapor de água com ozônio, que matam vírus e bactérias. “A grande vantagem é o fato de ser portátil e muito compacta”, conta Ana Cláudia Gabardo, desenvolvedora da tecnologia e parceira da empresa Mão Colorida, de Curitiba, responsável pela produção.

A unidade pode ser usada na entrada de escolas, restaurantes, shoppings, academias, empresas, escritórios, consultórios, entre outros estabelecimentos. Deve ficar acoplada a uma porta e terá um detector de presença. Toda vez que alguém passar pela porta o vapor de ozônio é liberado. Ana Cláudia explica que o recurso do Saúde Tech viabilizou o detalhamento técnico do projeto, o protótipo e cinco unidades-piloto. A expectativa agora é conseguir parceiros comerciais para a produção em larga escala.

Outro projeto selecionado pelo edital é da empresa True Work. Trata-se de um aplicativo e pulseira de monitoramento de infectados. “A ideia é implantar aqui um modelo de monitoramento que foi sucesso em Hong Kong”, conta Adriano Fávaro, diretor da empresa. Ele explica que é uma pulseira eletrônica que será usada pela pessoa que deve permanecer em quarentena. O aplicativo avalia a posição via GPS e detecta a pulseira que deve estar num raio de 15 a 20 metros do smartphone.

“Caso a pessoa deixe o celular em casa para ‘enganar’ o GPS, será detectado que a pulseira não está na área monitorada, registrando, assim, a violação da quarentena. E, caso saia com o smartphone, o GPS indicará que ela se afastou da área da quarentena”, explica o empresário. A True Work já tem experiência em monitoramento de pessoas com foco em Saúde e Segurança no Trabalho (SST), tendo realizado projetos com grandes empresas como Ocyan, Braskem e Mondelez, informa Fávaro.



Unidade portátil de desinfecção emite gotículas de vapor de água com ozônio.

Crédito: Divulgação



Nos últimos 30 anos, Ampère mudou o seu perfil produtivo e atualmente desponta como polo industrial no sudoeste do Paraná.

Ampère: terra de oportunidades

Município se destaca na região sudoeste do Paraná por conta do grande desenvolvimento industrial

por Douglas Luz

Há cerca de 30 anos o sudoeste do Paraná tem passado por transformações que mudaram, para melhor, o perfil produtivo da região. Originalmente agrícolas, os municípios passaram a desenvolver a vocação industrial. Entre eles, merece destaque Ampère. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a população estimada, em 2019, era de 19.152 habitantes.

Hoje, a indústria é responsável por 47,1% da economia, seguida pela agricultura de produtos primários, com 30,5%, e pelo comércio, com 22,5%. Comunidades do entorno da cidade são responsáveis por mais 30 produtos diferentes, principalmente a soja, o milho e o trigo. Além disso, em relação à criação de animais, evidencia-se a produção de aves e bovinos de leite e corte.

Indústria em destaque

A industrialização de Ampére começou a partir da década de 1990, com o apoio dos governos municipal (por meio de incentivos fiscais, como isenção de impostos e cessão de barracões a empresários) ou estadual e federal, com acesso a crédito via BNDES, principalmente para financiamento de máquinas e equipamentos.

Assim, o perfil industrial do município se consolidou nos setores moveleiro, do vestuário e de alimentos. Hoje, a indústria emprega diretamente cerca de 5 mil pessoas.

A instalação das primeiras empresas acabou puxando outras. De acordo com o prefeito Disney Luquini, as grandes indústrias têm dado suporte para que as pequenas se desenvolvam



A RESPOSTA DA
PREFEITURA É AMPLIAR AS
MELHORIAS PARA ATRAIR
MAIS INVESTIMENTOS.



Crédito: Auelésio Bortolini

DISNEY LUQUINI,
PREFEITO DE
AMPÉRE

também. “O município só tem a ganhar com isso, pois gera mais empregos e movimenta a economia – mesmo nesse período de pandemia”, destaca. “A resposta da prefeitura é ampliar as melhorias para atrair mais investimentos”, completa.

Setor industrial diversificado

Os investimentos das empresas em automação e tecnologia são fatores cruciais para o desenvolvimento industrial local. E a Gaam sabe bem disso. Emprega 120 pessoas e produz tampos em granito, gabinetes e outros itens para banheiros e áreas de serviço. “A industrialização do Brasil passa necessariamente pelo interior. Aqui também temos máquinas de alta tecnologia”, afirma Pedro Rodrigues da Silva, sócio-proprietário.

Silva enaltece também a mão de obra local, porém, diz que ainda requer mais atenção. “Como Ampére fica fora do centro de atenção dos governos, não recebe tanto investimento. A região se desenvolveu com esforços internos, de empresários que enxergaram o potencial e fizeram acontecer numa época na qual as condições para uma empresa nascer e fortalecer a sua base eram mais facilitadas”, ressalta.



COMO AMPÉRE FICA FORA DO
CENTRO DE ATENÇÃO, NÃO
RECEBE TANTO INVESTIMENTO.



Crédito: Divulgação

PEDRO
RODRIGUES DA
SILVA, SÓCIO-
PROPRIETÁRIO
DA GAAM

“NÓS JÁ SABÍAMOS PARA QUEM E ONDE VENDER. DESSA FORMA, MOSTRAMOS QUE A REGIÃO CONSEGUIA ABSORVER A DEMANDA DE PRODUÇÃO E CONTAVA COM MÃO DE OBRA PARA ISSO.”



LUIZ KRINDGES,
CONSELHEIRO DE
ADMINISTRAÇÃO
DO GRUPO
KRINDGES

Crédito: Galteri Oliveira

O Grupo Krindges, indústria do setor do vestuário, com mais de 700 colaboradores, está há 42 anos no mercado e produz moda masculina para as marcas próprias Docthos e Guilherme Soul.

Luiz Krindges, conselheiro de administração da empresa e presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Sudoeste do Paraná (Sinvespar), contou que a ida para a cidade foi um processo gradativo. “Conhecemos Ampére por meio do atacado. Comprávamos fora e vendíamos por lá. Logo percebemos que a opção de comprar o tecido e passar a produzir era a mais viável”, comenta. “Nós já sabíamos para quem e onde vender. Dessa forma, mostramos que a região conseguia absorver a demanda de produção e contava com mão de obra para isso”, complementa.

Também do setor moveleiro, a Movelmar enxergou o potencial industrial da cidade. Há 20 anos instalada em Ampére, tem 60 colaboradores e produz móveis planejados. “A cidade já estava mapeada em todos os aspectos industriais, antes mesmo da Movelmar nascer. Graças aos incentivos oferecidos pelo município, que lá no início desse processo cedia barracões aos empresários por regime de comodato”, destaca Leocir Marafon, diretor-geral da Movelmar.

“A CIDADE JÁ ESTAVA MAPEADA EM TODOS OS ASPECTOS INDUSTRIAIS, ANTES MESMO DA MOVELMAR NASCER.”



LEOCIR
MARAFON,
DIRETOR-GERAL
DA MOVELMAR

Crédito: Fato At

Marafon conta que os investimentos para aprimorar a produção ajudou a ampliar mercado. “Além do Paraná, comercializamos também em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Também temos operações na Bahia e no Rio de Janeiro, e iniciamos a exportação para a América do Sul”, ressalta. “Se há escassez de matéria-prima, buscamos em outros estados. Já a mão de obra aproveitamos a da região, capacitando os trabalhadores”, afirma. ■



A Movelmar possui a sua unidade fabril de 7.000 m² de área construída e maquinários de última geração.

Crédito: Movelmar



Agenda Legislativa da Indústria do Paraná 2020

A Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) lançou, no início de junho, a Agenda Legislativa da Indústria 2020. A publicação, que chega ao seu 14º ano, traz o posicionamento da entidade em relação a projetos de lei em tramitação na Assembleia Legislativa e que impactam no setor industrial.

O presidente do Sistema Fiep, Carlos Valter Martins Pedro, destacou a importância dessa proximidade da federação com os parlamentares, principalmente no cenário de crise pelo qual passam a economia e o país como um todo. “Os poderes Executivo e Legislativo, em todas as esferas, mobilizaram-se para a implantação de medidas e aprovação de leis emergenciais que ajudassem não só a população, mas, também, a saúde financeira das empresas para que possam manter os empregos e gerar renda. Essas ações devem continuar principalmente no pós-pandemia, quando as empresas precisarão recuperar o fôlego”, comenta.

A maioria das propostas está ligada a temas como infraestrutura, meio ambiente, regulamentações da economia e questões trabalhistas, e medidas que atendem setores específicos. Além disso, apresenta o posicionamento da Fiep – se convergente ou divergente – em relação a cada uma, sempre embasado por justificativas técnicas. Nem todos os projetos estão contemplados na publicação, mas são monitorados constantemente, tanto pela gerência de Relações Governamentais da Fiep quanto pelos sindicatos.

O presidente da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), Ademar Traiano, solicitou que a Federação faça um



Crédito: Lucilomar Castilho

O exemplar impresso foi entregue pelo presidente do Sistema Fiep, Carlos Valter Martins Pedro, ao presidente da Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), Ademar Traiano.

levantamento dos projetos de lei que não foram listados neste ano, para que os deputados estaduais estejam cientes e acompanhem de perto o que está sendo decidido e que reflete no setor produtivo. “Prezamos pelo diálogo, ouvindo as reivindicações do setor para que possamos construir legislações que contribuam com o desenvolvimento do setor produtivo e, principalmente, com a geração de emprego e renda, tão importantes para que superemos as dificuldades impostas por essa pandemia”, ressalta. ■



A versão 2020 traz novas seções, como a lista dos sindicatos associados à Federação, além dos perfis com fotos dos parlamentares paranaenses para rápida identificação por parte dos usuários. Outra novidade é a versão digital, disponível no link fiepr.org.br/relacoes-governamentais/, que traz novas formas de interação.



Corrente do bem

Uma ação conjunta do Programa Sesi de Prevenção à Covid-19, Senai e Fiep envolveu seis sindicatos de diferentes segmentos da indústria em 11 municípios paranaenses (na região metropolitana de Curitiba, em Toledo, Cascavel, Maringá, Apucarana e Ponta Grossa). O álcool em gel, produzido no Instituto Senai de Inovação em Eletroquímica, em Curitiba, foi distribuído para cerca de 12 mil trabalhadores de 30 indústrias do Estado. Em parceria com o Sindicosméticos, a equipe do Sesi visitou a Schwan Cosmetics do Brasil, de Curitiba. Cerca de 120 colaboradores da área de produção foram atendidos.



Crédito: Geison Bampi

A ação foi realizada também em 80 panificadoras associadas ao Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria do Paraná (Sipcep). Algumas unidades receberam a visita de técnicos de saúde do Sesi para orientar sobre o correto manuseio e armazenamento dos produtos. Só na região metropolitana de Curitiba, a mobilização chegou a mais de 30 mil pessoas.

Costurando solidariedade

O Sindicato das Indústrias do Vestuário do Oeste do Paraná (Sindiwest), em parceria com o Senai de Cascavel, e com as secretarias municipais de Saúde e do Desenvolvimento Econômico, emprestou máquinas de costura para a Penitenciária Industrial da cidade. As máquinas foram usadas pelos detentos para a produção de aventais destinados a profissionais de saúde, garantindo a proteção dos que atuam na linha de frente no combate ao coronavírus.

Investimento contra a crise

A Fiep investiu R\$ 650 mil na compra de 24 toneladas de Tecido Não Tecido (TNT) para a confecção de 8 milhões de máscaras cirúrgicas. O tecido foi distribuído para as indústrias de confecção em Apucarana, Londrina, Maringá, Cianorte, Francisco Beltrão e Curitiba, associadas aos sindicatos filiados à Fiep. A operação envolveu 150 indústrias e 10 mil trabalhadores, mantendo as fábricas em atividade e evitando o desemprego durante a crise.



Crédito: Sivale

Produção nacional

Parte do tecido comprado pela Fiep foi destinado à produção de máscaras cirúrgicas para atender presídios de todo o Brasil. Essa produção foi coordenada pelo Sindicato das Indústrias do Vestuário de Apucarana (Sivale). Os equipamentos de proteção foram adquiridos pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen), órgão vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, e distribuídos a penitenciárias para uso pelos profissionais de saúde que atendem os detentos.

PELA INOVAÇÃO E FORMAÇÃO EXECUTIVA EM TODO O PARANÁ

O Sistema Fiep **desenvolve a indústria**, desde a **microempresa até a multinacional**, por meio do **IEL**, que leva a **cultura da gestão da inovação** para dentro das empresas, gerando resultados personalizados, e promove a **formação dos gestores e líderes industriais** com programas de **graduação e pós-graduação**. Saiba mais em sistemafiep.com.br/campanha



PELA TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E ENSINO PROFISSIONALIZANTE EM TODO O PARANÁ

O Senai é a instituição do Sistema Fiep que desenvolve profissionais desde a **primeira capacitação até a pós-graduação**. Os Institutos Senai de Tecnologia e Inovação oferecem soluções acessíveis para todas as empresas, modernizando a produção e aumentando a competitividade industrial. Saiba mais em sistemafiep.com.br/campanha

